

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

RODRIGO ENRICH DE CASTRO

**UM ESTUDO DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE MILITANTES: O CASO DOS
COMITÊS DE BASE DA FRENTE AMPLA NO URUGUAI**

Porto Alegre

2018

Rodrigo Enrich de Castro

**UM ESTUDO DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE MILITANTES: O caso Dos Comitês
de Base da Frente Ampla no Uruguai**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González.

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Castro, Rodrigo Enrich de
Um estudo de socialização entre militantes: o caso
dos Comitês de Base da Frente Ampla no Uruguai. /
Rodrigo Enrich de Castro. -- 2019.
69 f.
Orientador: Rodrigo González.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência
Política, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Cultura política, socialização, Frente Ampla..
I. González, Rodrigo, orient. II. Título.

Rodrigo Enrich de Castro

**UM ESTUDO DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE MILITANTES: O caso Dos Comitês
de Base da Frente Ampla no Uruguai**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González.

Aprovado em: 19 de dezembro de 2018.

Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González – Orientador

Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Ranincheski – PPGPOL/UFRGS

Prof. Dr. Luis Gustavo Mello Grohmann – PPGPOL/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Lucía Selios Lemes – Instituto de Ciencia Política/Universidad de la República (Montevideú, Uruguai).

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato aos meus pais, Laura Emília Enrich de Castro e Aljones Luis de Castro, pelo amor, paciência e por terem me ensinado a valorizar o estudo e o debate honesto. À minha irmã, Natascha Enrich de Castro, pela paciência e por me ensinar a ter paciência. À Paula Bellé Ganzer, companheira incansável, por todo amor, carinho, paciência e ternura. À minha família, a brasileira e a uruguaia, por terem colaborado na minha formação de todas as formas possíveis. Aos amigos verdadeiros. Aos que já fizeram a passagem.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González, por esses pouco mais de dois anos em que me orientou, do projeto à este trabalho final, pela paciência, pelos conselhos, pelo incentivo e principalmente pela confiança. Aos professores da linha de pesquisa de Cultura Política, Dra. Sonia Ranincheski e Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro, por todo o aprendizado e incentivo. A todos os colegas do Grupo de Estudos em Ciência Política, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*“Yo soy toro en mi rodeo
y torazo en rodeo ajeno.
Siempre me tuve por güeno,
y si me quieren probar,
salgan otros a cantar
y veremos quién es menos”*

Martín Fierro

RESUMO

A partir dos dados de pesquisas quantitativas realizadas no Uruguai, pode-se constatar que os indivíduos que dizem preferir a Frente Ampla tem maior confiança nos partidos, consideram a política muito importante em sua vida e são mais ativos politicamente. Buscando explicar as diferenças na cultura política dos militantes *frenteampelistas* e a população uruguaia, o presente trabalho se guiará pela seguinte hipótese: a principal diferença da FA está na forma em que ocorre a socialização entre seus militantes, através da existência de um espaço legitimado e incentivado pelo partido, os Comitês de Base. O objetivo geral do trabalho é analisar o processo de socialização política entre os militantes da Frente Ampla. Primeiramente será feita a análise de dados de pesquisas quantitativas para conhecer a cultura política uruguaia e perceber as diferenças entre *frenteampelistas* e o restante da população. Será feita uma análise bibliográfica sobre a história da Frente Ampla e, como forma de compreender o processo de socialização entre militante e como eles mesmos interpretam sua socialização, bem como a identificação da função latente do Comitê de Base, foi feita uma etnografia, com uso de observações diretas em dois Comitês e entrevistas em profundidade. A partir das observações é possível associar o alto grau de participação dos militantes, a importância que atribuem à política e a confiança nas instituições partidárias à existência de espaços de socialização, debate e também de confraternização. Dessa forma, os Comitê de Base são um espaço importante tanto para a democracia interna da Frente Ampla quanto para reforçar a socialização política primária de seus militantes.

Palavras-Chave: Cultura Política; Socialização Política; Frente Ampla.

ABSTRACT

From the data from qualitative research done in Uruguay, it is possible to determine that subjects that say they prefer the *Frente Amplio* have more trust in political parties, they consider politics very important in their lives and they are more politically active. Seeking to explain the differences in the political culture between the *frenteamplistas* activist and the Uruguayan population, the present paper will have the following thesis as a guide: that the main difference in FA is the way that member socialization happen through the existence of a legitimate space that is motivated by the party, the *Comités de Base*. The main goal of this article is to analyze the socialization process among the activist of FA. First, an analysis of the data from qualitative research done to ascertain the Uruguayan political culture in order to understand the differences between *frenteamplistas* and the rest of the population will be done. A bibliographical analysis about the history of the *Frente Amplio* will also be done and, as a way to understand the socialization process among its activists and how they interpret their own socialization as well as the latent function of the *Comité de Base*, an ethnography was conducted based on direct observations of two Committees and in-depth interviews. From these observation it is possible to associate the high degree of militant / member participation, the importance they attribute to politics, and their trust in party institutions to the existence of spaces of socialization, debate and also confraternization. Therefore, the *Comité de Base* serve as an important space not only for the internal democracy of *Frente Amplio* but also to reinforce the primary political socialization of its activists.

Keywords: Political Culture; Political Socialization; *Frente Amplio*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA.....	9
3. CULTURA POLÍTICA E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA.....	11
4. TEORIA DOS PARTIDOS POLÍTICOS.....	14
5. MILITANTE.....	17
6. HISTÓRIA POLÍTICA DO URUGUAI NO SÉCULO XX.....	19
7. PARTIDOS POLÍTICOS NO URUGUAI.....	23
8. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA FRENTE AMPLA.....	25
9. COMITÊS DE BASE.....	36
10. ETNOGRAFIA DOS COMITÊS DE BASE.....	39
11. CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

A descrença de grande parte da população latino-americana em relação ao sistema político tem gerando uma atitude de distanciamento e indiferença em relação à política e aos partidos políticos. Desde a redemocratização os Estados latino-americanos não conseguiram resolver os problemas econômicos e sociais herdados do período autoritário, que em muitos casos se aprofundaram durante os governos neoliberais dos anos 1990, de modo que “a democratização formal latino-americana coexiste com altos níveis de exclusão social e desigualdade” (BAQUERO, 2018, p. 16). A incapacidade dos diferentes governos de resolver os problemas mais urgentes leva a que os cidadãos não se sintam representados pelos seus supostos representantes,

Há uma distância inevitável entre inquietações particulares e assuntos públicos, entre governantes e governados, porém tal brecha se acentua quando a política já não é reconhecida como a esfera da representação geral da sociedade. Pelo lado do cidadão debilitam-se os laços de pertencer à “comunidade de cidadãos” e, portanto lhe causam estranheza e indiferença as questões políticas. (LECHNER, 1994, p. 20)

Assim, os partidos também são vistos com desconfiança, dado que se preocupam apenas com os períodos eleitorais, sem interesse em suas funções pedagógicas e de representação (BAQUERO, 2013, p. 18). No caso brasileiro, os partidos não parecem buscar uma aproximação real com seus eleitores, tendo como característica o funcionamento apenas em períodos eleitorais, além de serem pouco ideologizados (TRINDADE, 1994, p. 48-49). O cenário não parece ter mudado, mesmo 24 anos após as afirmações de Trindade e Lechner. Para Baquero o distanciamento da população é resultado da crise de credibilidade dos partidos (BAQUERO, 2018, p. 116). De acordo com Baquero, Castro e Ranincheski, no Brasil os partidos tem uma dificuldade histórica de se tornarem mecanismos de agregação de interesses (BAQUERO, CASTRO, RANINCHESKI, 2016, p. 14), dificuldade que contribuiu para a falta de legitimidade dos partidos brasileiros.

Por outro lado, no Uruguai a política é marcada, desde a fundação do Estado nacional em 1830, pelo domínio dos partidos políticos, fenômeno identificado por Caetano, Rilla e Pérez como “*partidocracia*”, ou seja, “*un sistema en que los partidos son reconocibles como posibilitantes de relevancia... Como actores exitosos en instancias transcendentales*” (CAETANO, RILLA, PÉREZ, 1992, p. 138), sendo o caso uruguaio um

fenômeno atípico na América Latina. Do mesmo modo, Beisso e Castagnola afirmam que as lealdades partidárias são um eixo dominante da formação de identidades sociais no Uruguai (BEISSO, CASTAGNOLA, 1988, P. 10).

É neste contexto histórico de relevância dos partidos na vida política que surge a Frente Ampla (FA). A FA foi o segundo partido mais votado na capital nacional nas eleições de 1971, apenas nove meses depois de sua formação. Após a redemocratização, venceu as eleições para a prefeitura de Montevideu em 1989, governando a cidade desde então, e em 2004 chegou à presidência da república, onde está há 13 anos.

Em um sistema com partidos fortes, de relevância histórica, as diferenças entre a FA e os demais partidos são inúmeras. Formada em um contexto histórico completamente diferente daquele no qual se formaram os partidos tradicionais, com forte enraizamento em setores sociais, como sindicatos, a FA tem também uma estrutura mais democrática. É possível verificar que os indivíduos que dizem preferir a FA tem maior confiança nos partidos, consideram a política muito importante em sua vida e são mais ativos politicamente, como será demonstrado mais adiante neste trabalho (gráficos 3, 4 e 5 das páginas 35 e 36). O que explica essa diferença? O presente trabalho se guiará pela seguinte hipótese: a principal diferença da FA em relação a seus concorrentes está na forma em que se dá a socialização entre seus militantes, através da existência de um espaço de socialização legitimado e incentivado pelo partido, os Comitês de Base.

Isto posto, o objetivo geral do trabalho é analisar como se dá o processo de socialização política entre os militantes da Frente Ampla. Os objetivos específicos são: avaliar em que medida os dados sobre cultura política daqueles que são militantes ou preferem a FA diferem dos dados do restante da população uruguaia; compreender como os militantes do Comitê de Base interpretam seu próprio processo de socialização política e suas motivações, bem como sua socialização política anterior; identificar as funções manifestas e as funções latentes do Comitê de Base e preencher uma lacuna existente na bibliografia em relação aos Comitês de Base da Frente Ampla.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos serão utilizados tanto métodos qualitativos quanto quantitativos. Primeiramente será feita a análise de dados de pesquisas quantitativas para conhecer a cultura política uruguaia e perceber as diferenças entre *frenteampelistas* e o restante da população. Será feita uma análise bibliográfica sobre a história da Frente Ampla e, como forma de compreender o processo de socialização entre

militantes e também a forma como os militantes interpretam sua socialização e a identificação das funções latentes do Comitê de Base, será feita uma etnografia.

Uma das vantagens da etnografia é sua flexibilidade, permitindo mudanças na interpretação de acordo com o andamento do trabalho de campo, onde a coleta de material propicia a reformulação de hipóteses e a descoberta de pistas novas (CARDOSO, 2004, p. 101). Desse modo, e de acordo com os objetivos propostos, será feita uma pesquisa etnográfica em dois Comitês de Base (CB) da Frente Ampla e, por meio de observações diretas, entrevistas e pesquisa bibliográfica, compreender como ocorre a socialização entre os militantes do partido. Para os dados quantitativos sobre cultura política serão utilizados dados das três ondas do *World Values Survey* realizadas no Uruguai.

Além da dimensão simbólica do CB (bandeiras, quadros), será analisado, através de observação direta e entrevistas, como ocorre o processo de socialização nas reuniões e debates; como os atores envolvidos interpretam sua participação no CB; as motivações que os levaram a participar do CB; a percepção sobre a importância de seu envolvimento no CB; existência de socialização política anterior (sindicato, associações, movimento estudantil, outro partido, etc.). Também serão utilizados os dados do *World Values Survey* no Uruguai, através de determinadas variáveis para efeitos de comparação entre a cultura política geral e a cultura política dos militantes *frenteamplistas*. Será feita, dessa forma, uma articulação entre a metodologia qualitativa e a quantitativa, com vistas a atingir os objetivos propostos.

O presente trabalho está estruturado em cinco partes: na primeira parte é feita a introdução ao problema de pesquisa, são colocados os objetivos e é explicitada a metodologia. Na segunda parte é feita uma discussão sobre os conceitos utilizados e apresentadas algumas teorias dos partidos políticos. Na terceira parte é feito um apanhado da história política do Uruguai no século XX, é apresentada a história dos partidos políticos uruguaios e a origem, desenvolvimento e estrutura da FA, bem como análise dos dados quantitativos sobre a cultura política uruguaia e a comparação entre *frenteamplistas* e demais uruguaios. Na quarta parte é feito um resumo da história dos Comitês de Base e suas funções manifestas, assim como a etnografia realizada e a análise das entrevistas. A última parte é a conclusão do trabalho.

CULTURA POLÍTICA E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

A preocupação com a relação entre os valores, atitudes e crenças das pessoas e a organização da sociedade pode ser identificada em autores como Platão, Aristóteles, Maquiavel, Montesquieu, Rousseau e Tocqueville (ALMOND, VERBA, 1980). No entanto, é apenas na metade do século XX que o conceito de cultura política é utilizado de forma sistemática, a partir do trabalho de Almond e Verba (1963), *The Civic Culture: political attitudes and democracy in five countries*. Os autores realizaram uma pesquisa quantitativa do tipo survey em cinco países (Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Itália e México) e foram entrevistadas cerca de cinco mil pessoas. Almond e Verba chegaram à conclusão de que a Inglaterra e os Estados Unidos possuem uma cultura cívica, que é uma cultura política mista, onde coexistem indivíduos ativos e participativos politicamente com indivíduos passivos (ALMOND; VERBA, 1970, p. 530) Os autores identificam no desenvolvimento histórico da Inglaterra a origem da cultura cívica então existente, visto que “*la historia entera del nacimiento de la cultura cívica se halla recogida en la historia inglesa*” (Ibid. p. 24). Deste modo, na Inglaterra a cultura cívica é o resultado de uma série de choques entre modernização e tradicionalismo que originaram uma cultura pluralista, combinando elementos tanto de modernidade quanto de tradição.

O conceito de cultura política utilizado pelos autores é o de “*distribución de las pautas de orientación hacia objetos políticos entre los miembros de dicha nación*” (ALMOND; VERBA, 1970, p. 31). A ideia de que aquilo que as pessoas pensam sobre a política é essencial para a compreensão acerca de processos de instalação e consolidação de regimes democráticos foi talvez a principal contribuição dos estudos de cultura política para as ciências sociais, deste modo a maior virtude da obra de Almond e Verba, de acordo com Castro, é “a comprovação da existência de relação entre o que as pessoas pensam e a organização da sociedade” (CASTRO, 2014, p. 14).

Entretanto, é necessário cautela ao aplicar o conceito de cultura política tal como o utilizam Almond e Verba, já que o estudo dos referidos autores insere-se no contexto da Ciência Política norte-americana do período da guerra fria que, segundo Castro, propunha-se a “por um lado, reforçar e justificar a compreensão de supremacia da sociedade norte-americana como modelo a ser seguido, por outro, promover e justificar a política exterior norte-americana, em particular a que primou por impor a democracia”

(CASTRO, 2014, p. 13), tendo recebido muitas críticas, tanto do ponto de vista conceitual quanto metodológico (CASTRO, 2014; RENNÒ, 1998). O conceito de cultura política será utilizado para compreender o contexto em que estão inseridos os Comitês de Base. Contudo, uma outra questão importante sobre cultura política envolve o conhecimento acerca de como uma determinada cultura política é transmitida entre as gerações. Essa transmissão se dá através da socialização política.

O conceito de socialização política é aquele entendido como “processos de desenvolvimento através dos quais as pessoas adquirem orientações políticas e padrões de comportamento” (EASTON; DENNIS, 1969, apud SCHMIDT, 2000, p. 56). Todavia, existe controvérsia quanto ao momento em que ela ocorre, como ocorre e quais agências de socialização tem mais peso, se a família, a escola, o trabalho, a mídia, etc. Esse debate é o que divide o desenvolvimento dos estudos sobre socialização política em diferentes etapas, cada uma correspondendo a uma interpretação acerca da relevância de cada uma das fases em que a socialização política ocorre.

Para entender o conceito é necessário uma breve contextualização sobre a origem e o desenvolvimento dos estudos sobre socialização política. A obra de Hyman (1959), *Political Socialization*, é considerada o primeiro estudo específico sobre socialização política. Hyman ocupou-se basicamente de três dimensões: participação e envolvimento; objetivos radicais ou conservadores; e apoio a governos democráticos ou autoritários. Easton e Dennis (1969) publicam uma obra coletiva que “solidificou a concepção de que a socialização infantil é decisiva na formação política do indivíduo” (SCHMIDT, 2000, p. 59) e se tornou referência na área de socialização política. Esses estudos iniciais definiram a primeira fase dos estudos sobre socialização política, onde se destacaram a importância da socialização infantil no desenvolvimento de padrões de atitudes em relação à política, com maior importância ao papel da família.

Entretanto, foi durante os anos 1970 que a área de socialização política alcançou reconhecimento na Ciência Política norte-americana (WASBURN; COVERT, 2017). Pode-se identificar assim a segunda fase, de acordo com Schmidt, a partir de 1974, com a obra *The Political Character of Adolescence: The Influence of Families and Schools*, de Jennings e Niemi. Na referida obra, os autores afirmam que a escola pode ser a principal influência na formação de atitudes e crenças políticas, e não a família, como afirmavam estudos anteriores (SCHMIDT, 2000, p. 60).

Wasburn e Covert, tomando como referência a obra de David Sears, identificam quatro perspectivas sobre o desenvolvimento e manutenção de padrões de atitudes e sentimentos em relação à política. Em um extremo, a perspectiva da persistência (*persistence perspective*), segundo a qual o aprendizado ocorrido na fase pré-adulta muda pouco no decorrer da vida; no outro extremo está a perspectiva da abertura durante toda a vida (*lifetime openness perspective*), na qual as mudanças em relação à sentimentos e atitudes podem acontecer em qualquer fase da vida (WASBURN; COVERT, 2017, p. 4). Entre esses dois extremos está a perspectiva do ciclo de vida (*life cycle perspective*), em que as pessoas estão mais suscetíveis a adotar certas atitudes e sentimentos em determinadas fases da vida; e a perspectiva dos anos impressionáveis (*impressionable years perspective*), segundo a qual as atitudes e crenças políticas são mais propensas à mudança na fase que vai do final da adolescência ao início da vida adulta (Ibid).

Na mesma obra, Wasburn e Covert, enfatizando a importância do contexto histórico no qual o indivíduo se desenvolve no processo de socialização política, identificam cinco períodos na história política recente dos Estados Unidos que influenciaram na socialização política de diferentes formas: o período da grande depressão e do *New Deal* (1929-1939); o período imediatamente posterior à segunda guerra mundial (1945-1959); o período que os autores chamam de turbulentos anos 1960 e começo dos anos 1970; os anos do governo Reagan (1980-1992) e os anos pós-Reagan, de 1992 até o presente, mostrando como determinados eventos em determinados períodos tem forte peso no processo de “maturação”. Os autores entendem o conceito de “maturação” como a relação entre dois processos: de um lado o desenvolvimento cognitivo e por outro lado a sofisticação política (WASBURN; COVERT, 2017, p. 47). Portanto, é necessário examinar o contexto histórico em que ocorre a socialização política para se ter maior clareza possível acerca das motivações das atitudes e dos valores de cada indivíduo.

Neste trabalho são utilizados os conceitos de função manifesta e função latente. Merton elabora uma distinção teórica entre a função manifesta e a função latente de determinados comportamentos humanos,

“A primeira refere-se àquelas consequências objetivas para uma unidade especificada... a qual contribui para seu ajustamento ou adaptação e assim é intencionada; a segunda se refere às consequências não intencionadas e não reconhecidas da mesma ordem” (MERTON, 1968, p. 130).

Partindo dos conceitos aludidos, é feita uma análise das funções tanto manifestas quanto latentes, considerando a função manifesta do Comitê de Base como aquela explicitada no Estatuto da Frente Ampla e aceita por seus militantes, e suas funções latentes como aquelas consequências não esperadas inicialmente.

Importa saber se o Comitê de Base cumpre suas funções manifestas e identificar quais são suas funções latentes, como os atores interpretam esse processo e quais são as motivações que os levaram a ter uma participação política partidária. A melhor forma de compreender esse processo é através de um contato constante e direto com os atores envolvidos, observando as diversas reuniões de Comitês de Base da FA e entrevistando seus participantes.

TEORIA DOS PARTIDOS POLÍTICOS

Os estudos sobre partidos tem longa tradição na ciência política, devido à sua importância para o funcionamento dos regimes democráticos (AMARAL, 2013). Assim, tencionando embasar teoricamente a origem e o desenvolvimento da Frente Ampla, serão apresentadas algumas interpretações acerca das origens e funções dos partidos políticos: Duverger (1980), Lênin (1978, 1984), La Palombara e Weiner (1966), Kirchheimer (2012), Sartori (1982), Panebianco (2005) e V.O. Key (1959).

Na tradição marxista, destaca-se a definição de partido elaborada por Lênin nos primeiros anos do século XX. Para Lênin, o objetivo do partido é, a partir da organização dos operários, da propaganda e da agitação, “organizar a luta de classe do proletariado e dirigir esta luta cujo objetivo final é a conquista do poder político pelo proletariado e a organização da sociedade socialista” (LÊNIN, 1984, p. 37). Para Lênin, a função do partido é, a partir do desenvolvimento de sua consciência política, educar politicamente a classe operaria (Ibid. p. 45). Dado que o propósito do partido é transformar a luta econômica em luta política, a organização de um partido revolucionário deve ser diferente da organização dos operários (LÊNIN, 1978, p. 87).

Dentro da tradição liberal, ao analisar a formação dos partidos e do sistema partidário norte-americano na primeira metade do século XX, Key associa a formação dos partidos à evolução da democracia. Com o desenvolvimento dos ideais democráticos, os partidos começaram a surgir para implementá-los, sobretudo através da organização do eleitorado (KEY, 1959, p. 220). Para Key, o partido existe a partir do momento em que um grupo de pessoas trabalha junto para atingir objetivos em comum (Ibid, p. 224).

Portanto, o principal objetivo de uma organização partidária é vencer as eleições e a principal função do partido é selecionar candidatos aos cargos e mobilizar apoios (Ibid. p. 345-347). Ademais, para Key o partido opera como um substituto da revolta e da insurreição e uma nova forma de determinar a sucessão da autoridade (Ibid, p. 224). Fica claro na definição de Key que o partido não tem função de socialização ou de educação política, sendo apenas um instrumento para escolher candidatos e disputar eleições.

Para Panebianco, os partidos são burocracias “com exigências de continuidade organizativa e de estabilidade das próprias hierarquias internas” (PANEBIANCO, 2005, p. 18) e também associações voluntárias que devem distribuir incentivos, sejam coletivos ou seletivos. Os incentivos coletivos são aqueles distribuídos pela organização de forma igual a todos os participantes, enquanto os incentivos seletivos são distribuídos de forma desigual apenas entre alguns participantes. O autor afirma que o poder dentro do partido é marcado por uma relação de troca, assimétrica porém recíproca, entre a elite do partido e os demais participantes.

Sartori elabora uma análise histórica da ressignificação do conceito de partido, mostrando como foi diferenciando-se do conceito de facção, tida como prejudicial ao sistema democrático. Essa separação entre os dois conceitos ficou clara apenas no decorrer do século XIX, quando os partidos passaram a ser geralmente aceitos como instrumentos legítimos e necessários (SARTORI, 1982) Em sua definição, Sartori afirma que o partido é qualquer grupo político que se apresente em eleições (Ibid, p. 86) e que sua função é de representação dos eleitores e expressão de suas reivindicações às autoridades, mais especificamente “os partidos ofereceram os canais para a articulação, comunicação e implementação das demandas dos governados” (Ibid, p. 48).

Em relação à origem dos partidos, Duverger identifica duas origens possíveis: eleitoral e parlamentar ou externa. O partido de origem eleitoral ou parlamentar seria formado a partir da criação de grupos atuantes dentro dos parlamentos, formando o que Duverger caracteriza como partidos de quadros. Já o partido de criação externa é criado por uma instituição já existente e que não tem como foco de sua atividade o parlamento (DUVERGER, 1980, p. 26). Duverger identifica quatro tipos de elementos de base de partidos: o comitê, de caráter restrito e que não tem entre seus objetivos a ampliação do número de membros, sendo apenas uma reunião de pessoas importantes e com atuação sazonal; a seção, aberta às massas, com o objetivo de aumentar o número de simpatizantes

e filiados, com funcionamento permanente e que ocupa-se também da formação política dos seus participantes; a célula, reúne os partidários que tem o mesmo local de trabalho (fábricas, lojas, oficinas, etc.), sendo basicamente um instrumento de agitação, propaganda e enquadramento; e a milícia, caracterizada por seu caráter militar, onde os partidários são submetidos a rígida disciplina e treinamento, geralmente utilizam uniformes e tem na violência sua base de atuação.

Avançando no estudo dos partidos políticos em relação à Duverger, Kirchheimer analisa o desenvolvimento dos partidos da Europa Ocidental e cria o conceito de partido “*catch all*”. O autor identifica mudanças significativas nos partidos de massas da Europa Ocidental, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Se durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX os partidos de massas tinham como objetivo a integração política das classes trabalhadoras e seu enquadramento intelectual e moral (KIRCHHEIMER, 2012, p. 362), nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial “esse partido está se concentrando mais completamente no cenário eleitoral, na tentativa de trocar a efetividade do debate mais aprofundado por uma audiência mais ampla e pelo sucesso eleitoral mais imediato” (Ibid., p. 362). Essa mudança começou logo após o fracasso das primeiras experiências de governos populares na Europa durante os anos 1920 e 1930, quando os partidos começaram a perceber a necessidade de ampliar sua base de apoio. O apelo a outros setores da população além da classe trabalhadora terminou por causar a desideologização dos partidos de massa, com conseqüente diminuição do papel dos militantes, moderação de programas políticos com objetivo de ter acesso a maior parcela de grupos de eleitores, entre outros fatores, sempre em busca de um consenso.

Na análise de LaPalombara e Weiner importa o contexto histórico em que surgem os partidos. Os autores afirmam que as crises internas podem ser fatores importantes para a formação dos partidos. Essas crises podem ser causadas por guerras, inflação, depressão, movimentos de massa da população, uma explosão demográfica, entre outros fatores. No entanto, são três as mais fundamentais crises que podem facilitar a formação de partidos: crise de legitimidade, crise de integração e crise de participação. (LA PALOMBARA; WEINER, 1966). A crise de legitimidade ocorre quando a estrutura de autoridade existente não consegue lidar de forma efetiva com determinadas crises, perdendo credibilidade junto à sociedade. A crise de integração diz respeito à problemas de integração territorial ou étnica dentro de um mesmo país. A crise de participação ocorre quando um número considerável de pessoas deixa de aceitar a autoridade dos governantes

e o sistema então é forçado a permitir maiores espaços de participação. A crise de participação, segundo os autores, pode envolver também algum grau de crise de legitimidade (Ibid.) Dado que o objetivo geral do trabalho é compreender como se dá o processo de socialização entre militantes da FA, é preciso esclarecer o conceito de militante.

MILITANTE

Para o presente trabalho será utilizada a definição de Duverger de “militante”, na qual o autor identifica três graus de participação política: os eleitores, que apenas votam em determinados candidatos apresentados pelo partido nas eleições; os simpatizantes, que além de votarem no partido o defende publicamente e pode contribuir financeiramente com ele, embora não façam parte da organização partidária; e os militantes, aqueles que são membros do partido, trabalham na sua organização e desenvolvem sua organização e propaganda (DUVERGER, 1980, p. 127). Sawicki e Siméant entendem o engajamento militante como toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 201). Na mesma linha, Reis define o “militantismo” como “dedicação sistêmica a uma causa ou organização” (REIS, 2017, p. 11). Definido o conceito de “militante”, faz-se necessário esclarecer a abordagem utilizada dentro dos chamados estudos sobre militância ou participação partidária.

Ao fazer um balanço crítico em relação aos estudos sobre participação partidária, Franz os divide em dois campos de produção: a produção da escola anglo-saxônica, que prioriza as explicações *macro*, com foco nos aderentes partidários e utiliza basicamente métodos estatísticos; e escola francesa, cujo foco de análise é o nível *meso* e *microsocial*, e tem como objeto as práticas militantes, a politização, as biografias individuais e a socialização, através de ferramentas qualitativas, sem no entanto abandonar as análises estatísticas (FRANZ, 2016, p. 93).

Por outro lado, Pudal (2011), cujo objeto de estudo era a militância comunista francesa, sintetiza os estudos sobre a militância em três fases distintas: a primeira denominada “paradigma do militante heroico”, que começa no período após a Segunda Guerra e dura até meados da década de 1970, cujo foco principal era o movimento operário e a militância comunista; a segunda fase é chamada por Pudal de “questionamento dos mitos” ou “o militante retribuído”, que vai de meados dos anos 1970 até 1990, caracterizada por críticas ao paradigma anterior, uma análise sociológica do

movimento operário então em decadência e a crise do partido comunista; a terceira fase é a dos “novos militantes” ou “militantes distanciados”, iniciada nos anos 1990 e caracterizada pelos estudos sobre os chamados “novos movimentos sociais”, consolidando-se principalmente entre pesquisadores norte-americanos (PUDAL, 2011).

De acordo com Gaxie (1977) é possível analisar o engajamento militante a partir das retribuições percebidas pelos militantes. Gaxie considera problemático tentar compreender a militância apenas através de motivações ideológicas e propõe considerar as recompensas materiais e simbólicas que a militância pode propiciar, por exemplo

A camaradaria, o prazer das ‘colagens’, das ‘vendas’ e do ‘porta-a-porta’, a solidariedade, a coesão, a comunidade de gostos e de sentimentos, a identificação a um grupo, o júbilo da vitória, os reconfortos mútuos na derrota ou nos revezes individuais, os riscos e as provações enfrentadas em comum, as reuniões onde encontram-se velhos amigos e onde rememoram o passado, as controvérsias apaixonadas, as longas discussões prolongadas num café, o afeto, a cumplicidade, a amizade dos militantes, tudo isso proporciona satisfações que poderíamos julgar prosaicas ou acessórias, mas que constituem porém um potente meio de vinculação ao partido¹ (tradução do autor)

Assim, a abordagem utilizada no trabalho aproxima-se daquilo que Franz classifica como os estudos da escola francesa, com ênfase nos métodos qualitativos mas sem descartar a utilização de métodos estatísticos. O trabalho também pode enquadrar-se dentro da primeira fase caracterizada por Pudal, dado que o foco do trabalho é a socialização entre militantes de base em um partido de esquerda.

Dentro da tradição francesa de estudos qualitativos sobre militância partidária, estão os trabalhos de Kriegel (1968), Derville e Croisat (1979) e Platone e Subileau (1975). Kriegel utiliza dados de enquetes realizadas pelo próprio partido e realiza uma etnografia com militantes do Partido Comunista Francês durante a segunda metade dos anos 1960, e o caracteriza como uma “contra-sociedade” com suas estruturas de poder, mecanismos de seleção e educação. Derville e Croisat e seu estudo sobre socialização política dos militantes comunistas franceses, realizado em três células do partido durante 1977 e que tem como objetivos identificar fatores de formação política anteriores e que favorecem a socialização exercida pelo partido e qual o papel das células no processo de

¹ No original: “La camaraderie, les plaisirs des « collages », des « ventes » et des « porte à porte », la solidarité, la cohésion, la communauté de goûts et de sentiments, l'identification à un groupe, les joies de la victoire, les reconforts mutuels dans la défaite ou dans les malheurs individuels, les risques et les épreuves affrontés en commun, les réunions où se retrouvent les vieux amis et où s'égrainent les souvenirs, les controverses passionnées, les longues discussions poursuivies au café, l'affection, la complicité, l'amitié des militants procurent des joies que l'on peut juger prosaïques ou accessoires, mais qui constituent pourtant un puissant moyen d'attachement au parti”. (GAXIE, 1977, p. 137)

socialização (DERVILLE; CROISAT, 1979, p. 764). Platone e Subileau, em estudo realizado em 1974, analisam as características demográficas e sociais dos militantes do Partido Comunista em Paris (PLATONE; SUBILEAU, 1975, p. 839). Nos dois trabalhos foram realizadas pesquisas qualitativas, com observações participantes e entrevistas com militantes, e também quantitativas, como a utilização de dados sobre número de membros dos partidos e características sociodemográficas dos filiados. Assim, parece ser adequado utilizar uma abordagem qualitativa e também quantitativa para alcançar o objetivo do trabalho, qual seja, de analisar o processo de socialização entre militantes partidários.

Uma das características dos partidos de massas, segundo Duverger, é sua ligação com movimentos sociais e a preocupação com a educação política e a mobilização de seus militantes de base, através da socialização política, seja pela imprensa do partido, pelas reuniões, etc. É possível identificar alguns partidos que buscam, ou buscaram em algum momento, essa aproximação com seus militantes, entre eles está o Partido dos Trabalhadores com seus núcleos de base, no Brasil (AMARAL, 2012; FERREIRA, 2008), as seções do Partido Socialista e as células do Partido Comunista, na França (CROISAT; DERVILLE, 1979; ETHUIN, 2006), as *agrupaciones municipales*² do PSOE (*Partido Socialista Obrero Español*) e mais recentemente os *círculos*³ do Podemos, na Espanha. A Frente Ampla faz parte desse grupo, a partir da experiência e atividade constante de seus Comitês de Base.

Dada a importância de se conhecer a história de uma sociedade para compreender sua cultura política (CASTRO, 2014, p. 73) faz-se necessário uma breve apresentação da história política do Uruguai durante o século XX, da formação de seus partidos tradicionais e da origem e formação da Frente Ampla.

HISTÓRIA POLÍTICA DO URUGUAI NO SÉCULO XX

O Uruguai é um dos países com maior tradição democrática na América Latina, tendo sofrido somente dois golpes de Estado, em 1933 e em 1973, sendo apenas este último com participação direta dos militares. Para Gillespie “a ausência do militarismo tornou o Uruguai a nação mais invejada pelos latino-americanos” (GILLESPIE, 1988, p. 265). Ao mesmo tempo a sociedade uruguaia foi marcada por uma profunda partidarização, com a histórica divisão entre *blancos*, do Partido Nacional, e *colorados*

² Informação disponível em <http://www.psoe.es/conocenos/estructura/estructura-territorial/>.

³ Informação disponível em <https://podemos.info/circuitos/>

do Partido Colorado. Apesar dessa divisão, o Partido Colorado governou o país durante 93 anos, tendo o Partido Nacional obtido sua primeira vitória eleitoral apenas em 1958.

O Uruguai das primeiras décadas do século XX caracterizou-se pelo intervencionismo estatal na economia, tanto em empresas dedicadas a produção de bens e serviços como no controle da moeda e do crédito, utilizando o aparelho do estado para promover um novo modelo de desenvolvimento urbano industrial (FREGA, 2008, p. 31). Pioneiro na legislação social e trabalhista, com leis que favoreciam mulheres e crianças, estabilidade econômica, baixa desigualdade social e uma população homogênea, o Uruguai do início do século XX foi considerado “*la Suiza de Latinoamérica*” (NAHUM, 2004) ou, segundo uma viajante e exploradora inglesa da época, como “*un país gobernado por locos*” (CAETANO, 2011, p. 284). Essas características tornaram o Uruguai “*una sociedad relativamente más abierta, tolerante y aun igualitaria que cualquiera otra de sus colegas en la región*” (AGUIAR, 1993, p. 169) e com o propósito de construir uma “*democracia perfecta*”, “*con un nivel de vida comparable al de los países europeos y a la vanguardia en cuestiones de justicia social*” (PANIZZA, 1990, p. 61). No entanto, apesar do desenvolvimento industrial promovido pelo Estado, a economia uruguaia continuou dependente da exportação de produtos primários, cujos preços tiveram forte queda no final dos anos 1950, e um limitado mercado interno, fatores que levaram o país a enfrentar sérios problemas econômicos a partir do final dos anos 1950 e que se agravaram durante os anos 1960 (D’ELÍA, 1982). A economia uruguaia nos anos 60 ficou marcada pela inflação, a especulação financeira e o endividamento externo. De acordo com Nahum, em 1967 a inflação foi de 135% (NAHUM, 2004, p. 254). Os salários não acompanharam o aumento do custo de vida, acarretando um aumento generalizado do nível de pobreza (BROQUETAS, 2008, p. 164). Uma nova constituição foi aprovada em 1967, concentrando mais poderes nas mãos do executivo, sem resolver os problemas econômicos e sociais que se aprofundaram e acabaram por desembocar no golpe militar de 1973. A política econômica da ditadura militar teve como uma de suas metas

Redefinir el patrón de acumulación capitalista a efectos de devolver la tasa de ganancia requerida. Para ello era ineludible la reducción del precio de la fuerza de trabajo, y la consecuente represión a toda forma de protesta y organización que impidiera esa profunda reestructura capitalista emprendida. (PORTILLO, 2012, p. 35)

Embora a economia uruguaia tenha crescido em média 5% ao ano entre 1974 e 1980, “o custo social foi enorme, como se pode avaliar pela emigração, pela queda nos ganhos reais, pela concentração de renda e pela repressão física a todos os ativistas sindicais” (GILLESPIE, 1988, p. 274). Como visto, o período militar marcou o começo da aplicação de políticas neoliberais no Uruguai, com a diminuição das atribuições do Estado, tanto na economia quanto nas políticas públicas, e o aumento da repressão aos movimentos sociais. Em 1980 o governo militar propôs um plebiscito que teve como objetivo consolidar a legislação criada durante o período militar e que também serviria como legitimação do regime. A maioria da população (57%) votou contra o governo militar e assim teve início a transição democrática no Uruguai (GILLESPIE, 1988; NAHUM, 2004). Após a derrota no plebiscito, os militares iniciaram conversas com alguns dirigentes do Partido Colorado e da Frente Ampla, já que o Partido Nacional negou-se a participar das negociações.

De acordo com Corbo a particularidade do caso uruguaio é o fato de que os partidos negociaram as regras da transição juntamente com os militares (CORBO, 2007, p. 26), resultando no *Pacto del Club Naval*, em 1984, onde foi estabelecido um período de três anos até a próxima eleição para a presidência e a autorização para o funcionamento dos partidos políticos. No entanto, apenas em 1989 ocorreu a primeira eleição presidencial sem nenhum tipo de influência por parte dos militares (CORBO, 2007, p. 27). Caetano e Rilla dividem o período militar em três momentos: a fase da “ordem autoritária”, de 1973 a 1976, caracterizada pelo endurecimento do regime, desavenças entre o presidente Bordaberry e a cúpula militar que levou à remoção do presidente eleito e a criação do Conselho da Nação, formados por oficiais das forças armadas; o momento da tentativa de uma “nova república”, entre 1976 e 1980, cujos pontos principais foram a suspensão das eleições de 1976 e a tentativa de legitimação do regime através do plebiscito de uma nova constituição em 1980; e momento “transicional”, iniciado após o plebiscito de 1980 e finalizado com as eleições de 1984, cujas características foram a realização das eleições internas dos partidos em 1982, o protagonismo das mobilizações populares, o *Pacto del Club Naval* e as eleições nacionais de 1984 (CAETANO, RILLA, 1991).

Em 1985, o *colorado* Julio María Sanguinetti foi eleito presidente, tendo que enfrentar os graves problemas econômicos e sociais deixados pelos governos militares, além de ser o responsável pela transição institucional a um regime democrático. Durante

seu governo, foi aprovada a *Ley de Caducidad*, eximindo os militares da responsabilidade pelas violações de direitos humanos cometidas durante a ditadura. O governo Sanguinetti foi marcado pela recuperação econômica, com um crescimento anual de 4,5% entre 1985 e 1989, e por uma inflação de 71% ao ano (NAHUM, 2011, p.198).

Em novembro de 1989, foi eleito presidente o candidato do Partido Nacional Luis Alberto Lacalle. Sem a maioria no congresso, Lacalle fez acordos com setores do Partido Colorado e com boa parte do Partido Nacional, a denominada “*coincidencia nacional*” para poder aprovar as reformas que julgava serem necessárias para a recuperação econômica do país. As reformas propostas seguiam as recomendações neoliberais do chamado “Consenso de Washington”, ou seja, redução das funções econômicas e sociais do Estado, privatização de empresas públicas, forte abertura comercial e cortes na legislação trabalhista (DEPARTAMENTO DE HISTORIA DEL URUGUAY, 2008, p. 228). As privatizações começariam pelas empresas ANTEL (telecomunicações) e PLUNA (aviação civil). No entanto, a partir de uma intensa mobilização dos sindicatos e da oposição, em 1992 foi realizado um plebiscito para impedir a privatização de empresas públicas e 70% da população votou contra as privatizações (RIAL, 1997, p. 648). Com um massivo posicionamento popular contrário às privatizações, o governo Lacalle começou a perder uma parte do apoio no congresso e não pode realizar as reformas neoliberais que fizeram parte do seu plano econômico.

Em 1994, foi eleito o ex-presidente Julio Maria Sanguinetti que, também sem maioria no congresso, teve que negociar apoio de setores do Partido Nacional. O governo Sanguinetti conseguiu aprovar uma reforma constitucional em 1996 que acabava com a possibilidade dos partidos apresentarem mais de um candidato à presidência, instituía o segundo turno (*balotaje*), a separação entre a eleição presidencial e as municipais. Também foram aprovadas as reformas da educação, focada principalmente na educação pré-escolar, e a reforma da previdência (DEPARTAMENTO DE HISTORIA DEL URUGUAY, 2008, p. 230-234). De acordo com Nahum, desde o fim da ditadura, todas as políticas impulsionadas tanto pelos governos *blancos* quanto *colorados* tinham como objetivo final a diminuição das atribuições do Estado e sua importância na sociedade. Apesar da queda da inflação (de 15% em 1997 a 4% em 1999) e da leve queda do desemprego no período, os índices de pobreza e desigualdade mantiveram-se elevados (NAHUM, 2011). Em resumo, os anos 1990 foram marcados pelo aprofundamento das políticas neoliberais no Uruguai, com privatizações de empresas públicas, diminuição do

investimento público em serviços como saúde e educação, abertura comercial, desregulamentação do mercado de trabalho.

Nas eleições de 1999, foi eleito o *colorado* Jorge Batlle, sendo o primeiro presidente eleito pelo sistema de *balotaje* (segundo turno) instaurado em 1996. Com pouco apoio parlamentar, Batlle construiu uma instável aliança com alguns setores do Partido Nacional. Após a desvalorização do Real no Brasil em 1999 e a crise argentina de 2001, o Uruguai sentiu fortemente o peso da dependência de seus dois grandes vizinhos, com sérias consequências para a economia uruguaia. A partir de 2002 o governo Batlle teve que enfrentar aquela que é considerada a maior crise da história do país (DEPARTAMENTO DE HISTORIA DEL URUGUAY, 2008, p. 215). A crise econômica e social, o desgaste dos partidos tradicionais frente à opinião pública e a adequada estratégia política foram alguns dos fatores que levaram à vitória da Frente Ampla nas eleições de 2004 (GARCÉ, YAFFÉ, 2014). Pela primeira vez na história o Uruguai não seria governado nem por *blancos* nem por *colorados*, marcando o fim de um domínio de quase 170 anos dos dois partidos tradicionais. Considerando que tanto o Partido Colorado quanto o Partido Nacional foram atores relevantes na história política uruguaia, é fundamental saber, de maneira sintética, como se formaram e se desenvolveram os dois partidos.

PARTIDOS POLÍTICOS NO URUGUAI

Nos primeiros anos do novo país, ainda não existiam partidos no sentido atual do termo, mas um “*acompañamiento de habitantes, urbanos o rurales, a los caudillos orientales*” (FERNÁNDEZ, MACHÍN, 2017, p. 68). Foi somente em 1836 que surgiram o Partido Colorado e o Partido Blanco (mudou de nome para Partido Nacional em 1887). Em uma reflexão sobre a importância dos partidos na história uruguaia o historiador Benjamin Nahum afirma que as identidades partidárias se formaram antes mesmo da própria nacionalidade uruguaia, alegando que em 1836 havia *blancos* e *colorados*, mas não ainda *uruguayos* (NAHUM, 2004, p. 43). A explicação para a relevância dos partidos políticos foi associada a certas peculiaridades da sociedade uruguaia, tais como:

Una estratificación social que revela históricamente bajos niveles de tensiones interclasísticas, un Estado tradicionalmente inclusivo y relativamente autónomo, un elenco político con fuertes índices de adensamiento grupal y persistencia, una cultura política mesocrática y fuertemente referida a la postulación de una “república de ciudadanos (CAETANO; RILLA; PÉREZ, 1992, p. 125)

De acordo com Selios os partidos foram importantes não apenas na construção do Estado uruguaio, mas também na formação de identidades dos cidadãos (SELIOS, 2006, p. 64). Assim, como explicitado acima, a história dos dois partidos tradicionais confundeu-se com a do próprio país. Como afirmam Beisso e Castagnola “*los partidos políticos tradicionales del siglo XX se encuentran vinculados a una épica asociada a la construcción del estado y la sociedad nacional*” (BEISSO, CASTAGNOLA, 1988, p. 11). É importante, portanto, conhecer os principais aspectos da história dos dois partidos tradicionais⁴, dado que foram atores importantes na construção da cultura política uruguaia. Não é relevante, para os objetivos propostos neste trabalho, conhecer detalhes sobre as muitas divisões internas de cada partido.

Os dois partidos tem como data oficial de fundação o ano de 1836 e seus respectivos nomes derivam da cor das insígnias que cada exército usava para identificar seu lado nas batalhas, em meio ao conflito armado entre os partidários do caudilho e ex-presidente Fructuoso Rivera e o presidente de então, Manuel Oribe. O Partido Colorado surge ligado a figura de Fructuoso Rivera, o primeiro presidente constitucional do Uruguai. Como principais características, historicamente o Partido Colorado se identificava com pautas liberais “modernas” vindas da Europa (separação entre Estado e igreja, liberdades individuais, etc.), era mais forte nas cidades (especialmente Montevideú) que no campo, e defendia o ideal da “civilização” contra a “barbárie”, representada pelos *blancos*. Durante o século XIX, dividiu o poder com os *blancos* durante décadas, até que em 1865 teve início o período de 93 anos em que o Partido Colorado esteve à frente do governo.

Foi a partir do governo do *colorado* José Batlle y Ordoñez, entre 1903 e 1907 e entre 1911 e 1915, que o Uruguai tornou-se um pioneiro em legislação social na América Latina, com leis que favoreciam os mais pobres, as mulheres e as crianças, além de um aumento da importância do Estado no desenvolvimento do país, como visto anteriormente. No entanto, foi também durante o governo de um *colorado*, Juan María Bordaberry, que teve início a ditadura civil-militar, que durou de 1973 a 1984.

O Partido Blanco, que mudou o nome para Partido Nacional apenas em 1887, surgiu ligado à defesa do governo de Manuel Oribe e levavam na sua insígnia *blanca* a

⁴ O resumo da história dos dois partidos tradicionais foi feito com base em: FERNANDEZ, Nelson; MACHÍN, Hugo. **Una Democracia Única**. Fin de Siglo, Montevideo, 2017.

inscrição em azul *Defensores de las Leyes*. Sempre teve mais peso no interior do país que nas capitais e foi historicamente ligado a setores nacionalistas e conservadores. Com o início da crise da economia uruguaia no final dos anos 1950 o Partido Nacional chega ao governo em 1958, após 93 anos na oposição. Os *blancos* se caracterizaram neste período por suas políticas de liberalização da economia, com diminuição das funções do Estado. Foi durante o governo *blanco* que foi assinada a primeira carta de intenção do governo Uruguaio com o FMI em 1960 (NOYA, LAENS, CASARES, TERRA. 1984, p. 155).

Os dois partidos tradicionais dominaram a política uruguaia durante 135 anos, de 1836 a 1971. Entretanto, há controvérsias se o período entre 1836 e 1971 pode ser considerado como bipartidarismo, seja devido à existência de fortes divisões internas nos partidos, seja devido ao predomínio de um único partido no controle do executivo. Para alguns autores, como Alfredo Errandonea e Aldo Solari, essas divisões internas é que seriam verdadeiramente partidos, afirmando que

Nuestros autodefinidos partidos tradicionales constituyen, en realidad, una alianza periódica electoral entre líderes políticos (caudillos, o simples personalidades de nuestro ámbito político las más de las veces), tan o más opuestos entre sí que con los del otro lema (ERRANDONEA, 1994, p. 43).

Essa divisão foi institucionalizada a partir da aprovação da *ley de lemas* ou *doble voto simultaneo* em 1910, que possibilitou aos partidos apresentarem mais de um candidato à presidência, sendo que o partido com mais votos no total elegia o mais votado entre os seus candidatos, levando a uma disputa não apenas entre os partidos, mas entre as divisões internas dos partidos.

Outro fator que coloca em discussão a ideia de que o modelo político uruguaio até 1970 era bipartidário é a hegemonia do Partido Colorado, que exerceu a presidência durante 93 anos, configurando-se como um sistema de partido dominante (SARTORI, 1982). A hegemonia dos *colorados* no governo chegou ao fim em 1958 quando o Partido Nacional venceu as eleições presidenciais (NAHUM, 2011, p. 157). Durante os anos 1950 e 1960 o Uruguai viveu uma das piores crises de sua história até então (COURIEL, 1988; NAHUM 2004), chegou ao ápice com o governo autoritário de Jorge Pacheco Areco a partir de 1968 e que desembocou no golpe militar de 27 de junho de 1973. Foi nesse contexto de grave crise política, econômica e social que surgiu a Frente Ampla, cuja origem e desenvolvimento serão analisados a seguir, à luz de algumas teorias sobre partidos políticos.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA FRENTE AMPLA

Seguindo a classificação acerca dos tipos de origem partidária analisados anteriormente por Duverger, é possível identificar a FA como sendo um partido de origem parlamentar, dado que se originou de um acordo entre alguns parlamentares oriundos dos partidos tradicionais e líderes de partidos de oposição, como democratas-cristãos, comunistas e socialistas. Apesar de sua origem parlamentar, origem típico de partidos de quadros, a FA se caracterizou por ser um partido de massas, com fortes ligações com movimentos sociais, sindicais e de estudantes (BAYLEY, 2000; CAETANO, 2005; FERNANDEZ, MACHÍN, 2017; NAHUM, 2011; YAFFÉ, 2005). Apesar da análise de Duverger estar centrada na realidade europeia da primeira metade do século XX, pode-se caracterizar o Comitê de Base como organização de base do tipo “seção”. Na definição de Duverger “a atividade da seção, evidentemente muito grande nas épocas de eleições, continua importante e sobretudo regular no intervalo dos escrutínios...Não se trata apenas de tática eleitoral, mas também de educação política” (DUVERGER, 1980, p. 59). Nesse sentido, em discurso na campanha de 1971, o então candidato Líber Seregni afirmou que “*el Frente Amplio no es una ocurrencia de dirigentes políticos, el Frente Amplio es una necesidad popular y colectiva del Uruguay*” (CAETANO (org.), 2005, p. 47).

A partir do conceito de partido “*catch all*” de Kirchheimer, pode-se afirmar que a FA teve um desenvolvimento semelhante ao dos partidos de massa da Europa Ocidental. Como apontado por Yaffé, entre 1971 e 1994 a FA foi abandonando algumas ideias presentes na sua fundação, como a reforma agrária e a nacionalização do comércio exterior. Esse processo de moderação ideológica e programática, passando assim de partido de massa a partido “*catch all*” continuou desenvolvendo-se durante a década de 1990, aprofundando-se a partir de 1996 quando Tabaré Vázquez assumiu a presidência do partido e impulsionou debates com vistas a uma atualização ideológica da FA. (YAFFÉ, 2005).

De acordo com a teoria de Panebianco vista anteriormente, a atividade dos militantes de base pode ser interpretada mais em função dos incentivos coletivos do que dos seletivos, “em razão de uma adesão aos objetivos oficiais da organização corroborada pela identificação e pela solidariedade organizativa” (PANEBIANCO, 2005, p. 19). Os incentivos seletivos podem apenas fortalecer a identificação com o partido, mas não produzi-la, dado que ela é fruto da distribuição de incentivos coletivos (Ibid.). Assim,

pode-se compreender a existência dos Comitês de Base como uma forma da FA distribuir incentivos coletivos entre seus militantes.

Conforme a teoria de La Palombara e Weiner pode-se interpretar a origem da FA como sendo resultado de uma combinação entre uma crise de legitimidade e uma crise de participação. As causas dessas crises podem ser identificadas na inflação, no desemprego, na estagnação econômica e no crescente autoritarismo do governo Pacheco Areco (COURIEL, 1988; NAHUM, 2004) ou ainda no sistema clientelista dos partidos tradicionais, bem como sua ineficiência e corrupção (BONINO, 1988). A FA surgiu então com o objetivo de superar essas duas crises, mas também de desenvolver uma ação política permanente (BAYLEY, 2005, p. 14). Mas de que forma surgiu e se desenvolveu a Frente Ampla?

Os partidos historicamente minoritários na política uruguaia (comunista, socialista e democrata-cristão) realizaram diversas tentativas de aliança política a partir da segunda metade dos anos 1950 e princípio dos anos 1960 como uma forma de disputar as eleições e enfrentar a grave crise econômica e social. (CAETANO, 2005). Em 1970, no auge da crise, foi justamente a partir da aliança entre os partidos minoritários e setores progressistas egressos dos partidos tradicionais que foi criada a Frente Ampla (FA), que nas eleições de 1971 foi o terceiro partido mais votado no país, sendo o segundo colocado na capital Montevideu, feito inédito na política uruguaia. A eleição marcou a emergência de uma terceira força política no sistema uruguaio (NAHUM, 2011, p. 221). Como forma de evitar a fragmentação e manter a recente aliança entre diferentes partidos, a Frente Ampla optou por uma candidatura única para a presidência nas eleições de 1971, a do general Líber Seregni, contrariando a histórica dispersão dos partidos em diversas candidaturas. Seregni foi presidente da FA entre 1971 e 1994 e é considerado um dos principais líderes históricos do partido.

Durante a ditadura todos os partidos foram colocados na ilegalidade, muitos líderes políticos foram para o exílio e alguns, como o líder da FA, Líber Seregni, presos. Durante os primeiros anos da ditadura, a direção da FA continuou se reunindo, porém com menos frequência, enquanto alguns militantes se reuniam em seus lugares de trabalho e estudo (BAYLEY, 2005). Ao mesmo tempo, os diversos partidos que formavam a FA tentaram se organizar e continuar ativos. Em entrevista a Harnecker, Juan Pablo Terra, um dos líderes do *Partido Democrata Cristiano*, afirma que este, de ser um partido

institucionalizado, passou a ter células com 5 a 7 pessoas cada uma, que era o número máximo de pessoas que podiam estar reunidas sem chamar a atenção das autoridades (TERRA, citado por HARNECKER, 1991, p. 94). Por outro lado, havia partidos com quase todos seus líderes no exterior, como o Partido Comunista.

A partir de 1977 a direção da FA no exterior inicia a formação de Comitês Coordenadores, que depois se transformariam em Comitês de Base, em quase trinta países. Os objetivos dos Comitês no exterior eram manter e fortalecer a unidade da FA, coordenar o trabalho dos *frenteampelistas* residentes no exterior, estimular a unidade de todas as forças democráticas e fortalecer a solidariedade internacional com o povo uruguaio. A maioria dos comitês no exterior funcionou até meados de 1984 (BAYLEY, 2005). Mesmo excluída do processo, a FA se declarou a favor do voto em branco nas eleições internas de 1982, como forma de marcar posição. No plebiscito organizado pelo regime em 30 de novembro 1980 a FA apoiou o voto contra o projeto de uma nova constituição elaborada pelos militares e em 1984 participou do *Pacto del Club Naval*, negociação entre militares e os partidos políticos, com exceção do Partido Nacional, que pôs fim à ditadura (NAHUM, 2004; BAYLEY, 2005). Em 1989 a FA venceu as eleições para a *Intendencia* de Montevidéu, que segue governando até hoje, e em 2004 venceu pela primeira vez as eleições para a presidência, vencendo novamente em 2009 e 2014.

Bayley (2005) e Garcé e Yaffé (2014) tencionam explicar o surgimento e desenvolvimento histórico da Frente Ampla. Bayley, que foi parte da Comissão Nacional de Propaganda da FA, refaz a história da criação da FA desde a formação dos primeiros partidos de esquerda no Uruguai até a vitória nas eleições presidenciais de 2004, utilizando documentos e arquivos do partido e uma análise de sua experiência na burocracia do partido. Por outro lado, Garcé e Yaffé (2014) classificam os últimos anos no Uruguai, desde a vitória da FA em 2004, como a “era progressista”. Ao fazer um balanço histórico do desenvolvimento da FA, os autores dividem a história do partido em três fases: a “*izquierda frenteamplista*”, da fundação da FA até a volta da democracia; a “*izquierda en transición*”, da democratização até 1994, com a formação do *Encuentro Progresista*; e a “*izquierda progresista*”, de 1994 até a vitória em 2004. Os autores utilizam diversos documentos elaborados pelo partido desde sua fundação, como bases programáticas, além de entrevistas com políticos ligados à FA.

No período da “*izquierda frenteamplista*” e também da “*izquierda en transición*”, além de Seregni, destacam-se alguns dos fundadores da FA, como Zelmar Michelini, na época senador oriundo do Partido Colorado. Depois do golpe de estado em 1973, Michelini exilou-se em Buenos Aires, onde foi assassinado em 1976. Na fase da “*izquierda en transición*”. O candidato da FA que venceu as eleições para a intendência de Montevidéu em 1989 foi Tabaré Vázquez, que logo se tornaria a principal liderança e ocuparia a presidência do partido entre 1994 e 1998, sendo o incentivador de uma atualização ideológica realizada pelo partido entre 1997 e 2003 (YAFFÉ, 2005). Vázquez não apenas foi o candidato responsável pela primeira vitória da FA em Montevidéu mas também pela primeira vitória presidencial, colocando-se como uma liderança histórica do partido (BAYLEY, 2005; GARCÉ, YAFFÉ, 2014). Desde a conquista do governo nacional, além de Tabaré Vázquez, outros dois políticos ocupam lugar de destaque no partido: Danilo Astori, foi ministro de economia no primeiro mandato de Vázquez (2005-2010), vice-presidente de José Mujica (2010-2015) e voltou a ser ministro de economia de Vázquez (2015-), sendo considerado pela revista *Global Markets* como melhor ministro de economia da América Latina⁵; e José Mujica, ex-guerrilheiro tupamaro, preso político, foi eleito presidente em 2004 e ficou conhecido na mídia internacional como “o presidente mais pobre do mundo” (RABUFETTI, 2014), e por aprovar leis como a descriminalização do aborto, a legalização do casamento igualitário e o controle estatal da produção de *cannabis* (RABUFETTI, 2014; BETANCUR, BUSQUETS, 2016).

Em relação à estrutura do partido, uma das características da FA é sua democracia interna, tendo como primeiro espaço de convivência política os Comitês de Base, criados no começo de 1971 como forma de conquistar mais eleitores e levar à população as propostas da FA. Segundo o artigo 1º do capítulo 1 de seu estatuto⁶, o partido é uma “*fuerza política de cambio y justicia social, creación histórica permanente del pueblo uruguayo, de concepción nacional, progresista, democrática, popular, antioligárquica y anti-imperialista*” (ESTATUTO FA, 2011). Essa caracterização é um indício da amplitude do espectro ideológico dos diversos setores que conformam a FA.

⁵ Notícia publicada em <https://www.elpais.com.uy/informacion/politica/danilo-astori-calificado-mejor-ministro-economia-latinoamerica.html>.

⁶ *Estatuto del Frente Amplio*, Disponível em <https://frenteamplio.uy/nuestra-voz/estatuto>.

Atualmente⁷ os setores políticos que tem representação no plenário nacional da FA são os seguintes: *Alianza Progresista, Asamblea Uruguay, Baluarte Frenteamplista, Compromiso Frenteamplista, Casa Grande, Corriente de Izquierda, Corriente de Acción y Pensamiento, Corriente de Unidad Frenteamplista, Confluencia Frenteamplista, Frente Izquierda de Liberación, Grupo País, IR, Izquierda Abierta, Liga Federal, Movimiento de los Claveles Rojos, Movimiento de Participación Popular, Movimiento 20 de Mayo, Movimiento Popular Frenteamplista, Movimiento Socialista, Nueva Generación Frenteamplista, Nuevo Espacio, Partido Demócrata Cristiano, Partido por la Seguridad Social, Partido Comunista de Uruguay, Partido Socialista del Uruguay, Partido Obrero Revolucionario, Partido Socialista de los Trabajadores, Partido por la Victoria del Pueblo e Vertiente Artiguista*. Segundo o estatuto do partido, todos os setores que integram a FA devem estar de acordo com a linha política e estratégica decidida pela Direção Nacional.

A explicação sucinta sobre a estrutura da FA começará pelas bases. De acordo com o citado Estatuto do partido, os Comitês de Base são o lugar inicial de militância dentro da FA. Cada Comitê tem um secretariado (composto por 3 membros eleitos por 2/3 dos presentes na assembleia por um período de 12 meses), uma mesa (órgão executivo composto pelos secretários e pelos delegados do Comitê) e sua assembleia, que é a autoridade máxima do Comitê de Base, se reúne todos os dias 25 de agosto (dia do Comitê de Base) para eleger seus delegados e seu secretariado. Os delegados são eleitos por 2/3 dos presentes na assembleia e tem a função de representar o Comitê nas reuniões da Coordenadora e de encaminhar ao Comitê os assuntos discutidos na Coordenadora. O número de delegados de cada Comitê é proporcional ao seu número de filiados.

Acima dos Comitês está a Coordenadora Zonal, que tem como uma de suas funções considerar todos assuntos apresentados pelos Comitês de sua zona de abrangência e encaminhá-los à Mesa Política. A Coordenadora Zonal é formada por um plenário (composto pelos delegados dos Comitês, um delegado de cada setor do FA e delegados da Coordenadora na Departamental e no Plenário Nacional) uma mesa (integrada por membros do plenário da Coordenadora, delegados, e secretários) e uma assembleia, órgão extraordinário de caráter resolutivo que só pode ser convocada por 2/3 do Plenário ou pela mesma proporção da Mesa Política para assuntos de consideração

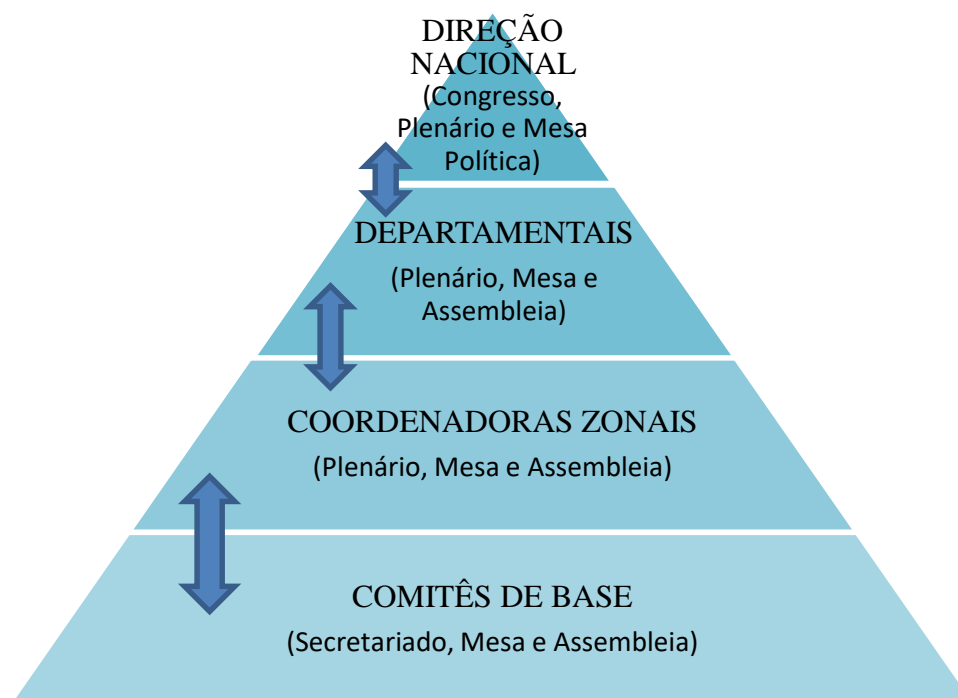
⁷ Disponível em <https://www.frenteamplio.uy/institucional/sectores>.

urgente. A instância imediatamente superior à Coordenadora é a Departamental, que exerce a condução política em cada departamento (equivalente aos estados no Brasil). Entre suas diversas funções estão a planificação e organização da ação política no departamento e a formulação de propostas e encaminhamento de assuntos das Coordenadoras para a Direção Nacional. As Departamentais também contam com plenário (formado pelo presidente e vice-presidente da Departamental, representantes dos setores políticos, delegados da base, o *intendente* do departamento se for da FA, deputados, *ediles*, *alcaldes* e *consejales*), mesa (que em Montevideu é formada pelo presidente e vice-presidente da Departamental, delegados dos setores políticos, representantes das Coordenadoras e um representante da bancada de *ediles*) e a assembleia, de caráter também resolutivo e onde podem participar todos os filiados registrados no departamento.

Por fim a Direção Nacional formada pelo plenário nacional, mesa política e pelo Congresso. O Plenário é a autoridade máxima permanente da FA e é constituída pelo presidente e vice-presidentes da FA, 85 representantes dos setores políticos integrantes da FA, 41 representantes das Coordenadoras de Montevideu, 41 representantes das Departamentais do interior, 3 representantes de Coordenadoras e Comitês do exterior, até 6 cidadãos filiados à FA, parlamentares e intendentes municipais. O Plenário Nacional tem, entre outras funções exercer a direção política permanente da FA, propor ao Congresso o programa de governo bem como as estratégias do partido. O Plenário funciona a cada dois meses e as eleições internas ocorrem no máximo a cada 30 meses, sem poder coincidir com anos eleitorais. A Mesa Política é o órgão executivo do Plenário Nacional, reúne-se ao menos uma vez por semana e exerce a condução política da FA no espaço entre um Plenário e outro. É formada pelo presidente e vice-presidente da FA, 15 membros do Plenário Nacional representantes dos setores e membros do Plenário representando as Coordenadoras e Departamentais. Entre suas funções encontra-se a de executar as resoluções do Congresso e Plenário Nacional, determinar a ação política conjuntural, tomar decisões de caráter urgente, organizar o funcionamento da FA, coordenar a ação dos representantes *frenteampelistas* e velar por uma correta relação “coalizão-movimento”. O Congresso pode ser ordinário, convocado a cada 30 meses, ou extraordinário, convocado por 3/5 do Plenário Nacional ou quando solicitado por 25% de seus filiados, e tem como finalidades definir as linhas de ação política, escolher presidente e vice-presidentes da FA, formular recomendações ao Plenário e demais órgãos. O

Congresso também é convocado no segundo semestre do ano anterior às eleições nacionais, porém apenas com o objetivo de definir o programa de governo e selecionar os candidatos. O Congresso é integrado pelos membros do Plenário, os delegados dos Comitês de Base e representantes eleitos a nível parlamentar, executivo, nacional ou departamental (ESTATUTO DEL FRENTE AMPLIO, 2011).

FIGURA 1 – Estrutura da Frente Ampla



Fonte: Elaboração própria a partir do Estatuto da Frente Ampla.

A figura 1 mostra a estrutura do partido disposta em forma de triângulo, com os Comitês na base e a Direção Nacional no topo, com as Coordenadoras e as Departamentais como órgãos intermediários. Como visto na descrição acima, os Comitês de Base recebem mas também elaboram propostas e temas de discussão para as instâncias superiores, que por sua vez recebem e elaboram propostas para os Comitês. Dessa forma, o partido apresenta uma democracia interna que foi importante na sua fundação em 1971, na redemocratização do início dos anos 1980 e que continua atuante depois de 13 anos de governo *frenteamplista* na presidência da República Oriental do Uruguai. O elemento representativo dessa democracia interna é o Comitê de Base, presente desde a fundação do partido até os dias de hoje.

Como afirmado na introdução do trabalho, a partir de alguns dados do *World Values Survey* no Uruguai é possível perceber diferenças entre os que dizem preferir a

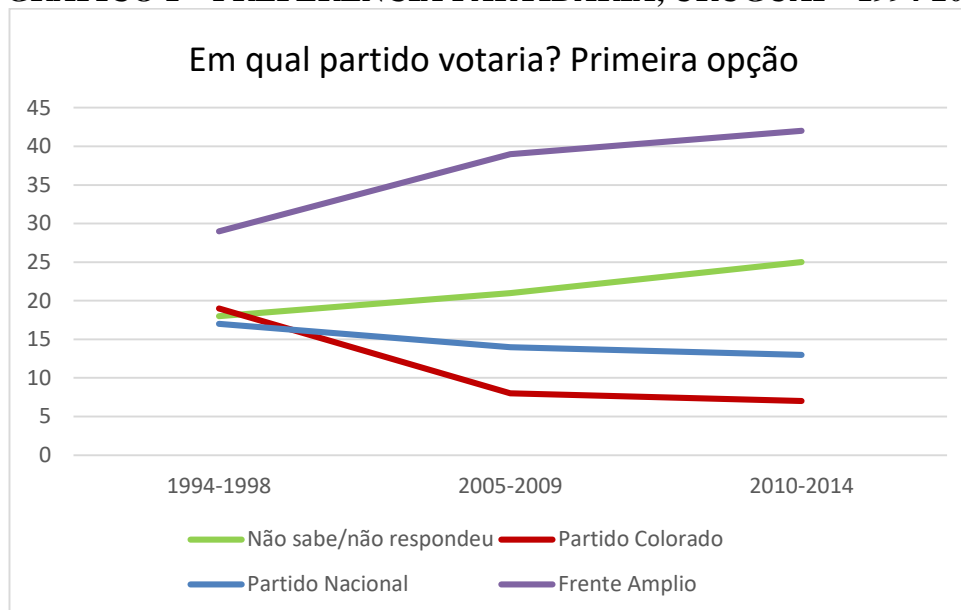
FA e os que preferem os demais partidos. Primeiramente, na falta de uma questão direta sobre preferência partidária, será utilizada a variável “Em qual partido votaria? Primeira opção”, como forma de identificar o nível de preferência pela FA nas três ondas realizadas até agora no Uruguai, 1994-1998, 2005-2009 e 2010-2014. Em seguida, será utilizada a variável “membros ativos”, relacionada com a preferência partidária e “confiança nos partidos” também relacionada com preferência partidária, presentes na última onda com dados disponíveis. Para dados dos últimos anos serão utilizados dados do Latinobarômetro a partir de 2014.

Pode-se ver no Gráfico 1 referente à preferência partidária no Uruguai entre 1994 e 2014 que a Frente Ampla foi o partido mais citado como primeira opção de voto, passando de 29% da preferência na primeira onda realizada no Uruguai e 42% na última onda com informações disponíveis do WVS, enquanto os partidos tradicionais tiveram queda na preferência no mesmo período, com o Partido Colorado caindo de 19% para 7% e o Partido Nacional de 17% para 13%. Esse fato pode ser atribuído, em parte, à estratégia política adotada pela FA que, segundo Garcé e Yaffé (2014) baseou-se em dois elementos

Por un lado, oposición fuerte, tajante; por otro, moderación ideológica y programática. De esta forma, el FA, sin abandonar la izquierda, se fue expandiendo hacia el centro, al tiempo que captaba todo el beneficio del descontento ciudadano con algunas de las reformas estructurales y, desde 1999 con la crisis económica y social (GARCÉ, YAFFÉ, 2014, p. 86).

O governo da FA, a partir de 2005, desenvolveu “*una estrategia de construcción de políticas claramente diferenciable de las promovidas por los partidos tradicionales*” (BENTANCUR, BUSQUETS, 2016, p. 387), que levaram a uma acentuada queda no nível de pobreza, aumento da taxa de salário real e diminuição do desemprego (GARCÉ, YAFFÉ, 2014, pp. 259-262), bem como reformas importantes em relação ao sistema de saúde, aumento dos programas sociais e nas políticas educativas (BENTANCUR, BUSQUETS, 2016, pp. 385-386) e na ampliação de direitos sociais. Todos esses fatores podem ter contribuído para o aumento da preferência pela FA no período.

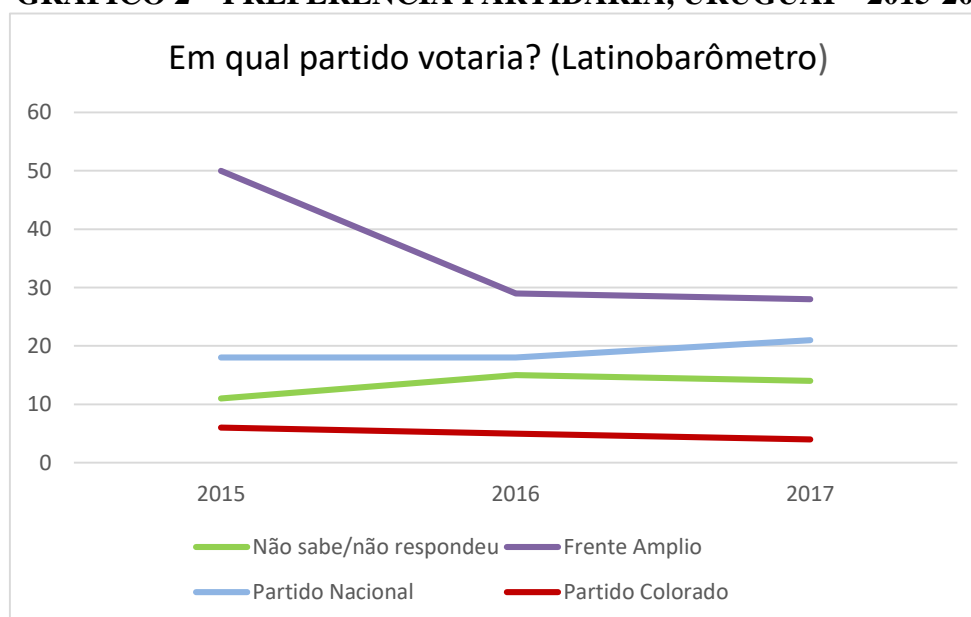
GRÁFICO 1 – PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA, URUGUAI – 1994-2014



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do World Values Survey Uruguay, Time Series 1994-2014. N = 1000 em cada uma das ondas.

Para avaliar dados atualizados sobre preferência partidária, são analisados os dados do Latinobarômetro entre 2015 e 2017. Os dados do Latinobarômetro mostram uma queda da preferência pela FA, de 50% em 2015 a 28% em 2017, um leve aumento do Partido Nacional (18% em 2015 a 21% em 2017) e um forte aumento dos que declararam votar nulo ou em branco (6% em 2015 a 25% em 2017).

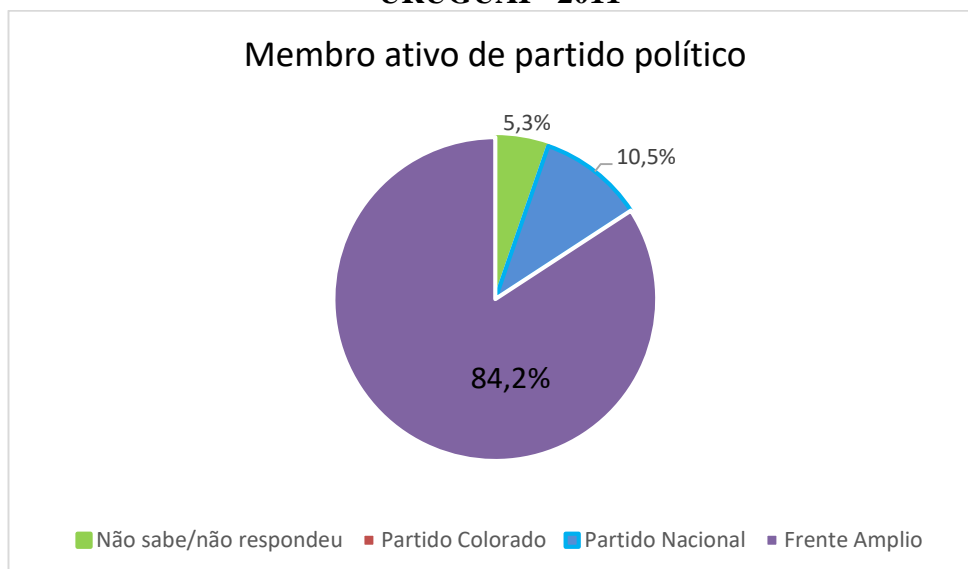
GRÁFICO 2 – PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA, URUGUAI – 2015-2017



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Latinobarômetro, 2017. N = 1200 em cada ano.

No entanto, o alto índice de preferência partidária alcançado pela FA no período não é a única diferença em relação aos partidos tradicionais.

GRÁFICO 3 – ATIVIDADE POLÍTICA POR PREFERÊNCIA PARTIDARIA, URUGUAI - 2011

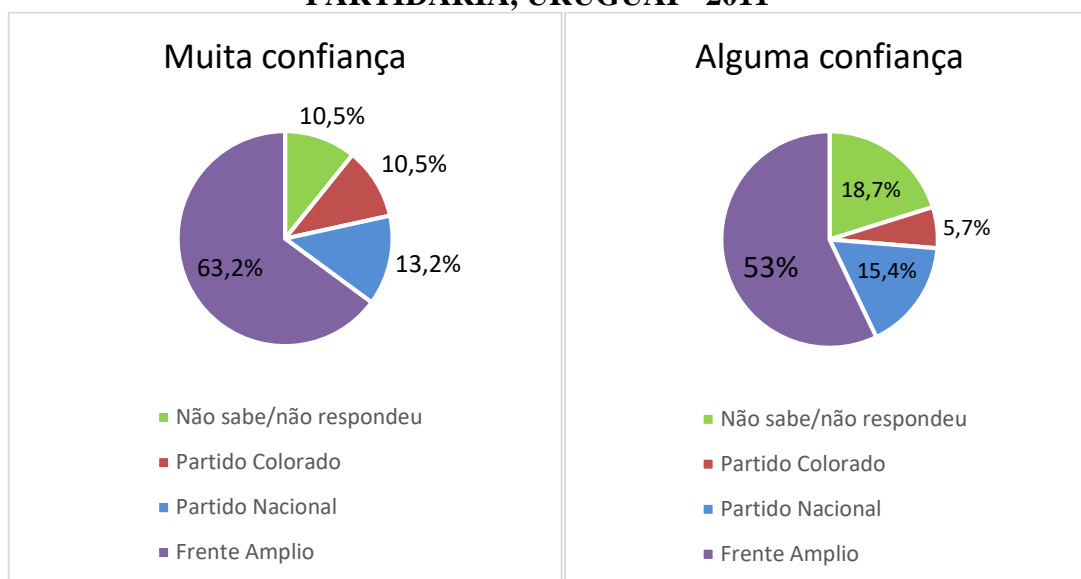


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do World Values Survey Uruguay, 2011. N = 1000.

O Gráfico 3 mostra que, a partir dos dados da pesquisa de 2011, entre as pessoas que responderam que eram “membros ativos” (1,9% do total de 1000 casos) de algum partido político, 84,2% eram membros da FA, enquanto 10,5% eram do Partido Nacional, o segundo com mais membros ativos. Esses dados mostram claramente que os *frenteampelistas* são muito mais ativos que os militantes de outros partidos.

No Gráfico 4 vemos que, entre as pessoas que dizem ter “muita confiança” (3,8% do total de 1000 casos) nos partidos, 63,2% tem preferência pela FA, e entre os que tem “alguma confiança” (27,9% do total) esse índice é de 53%.

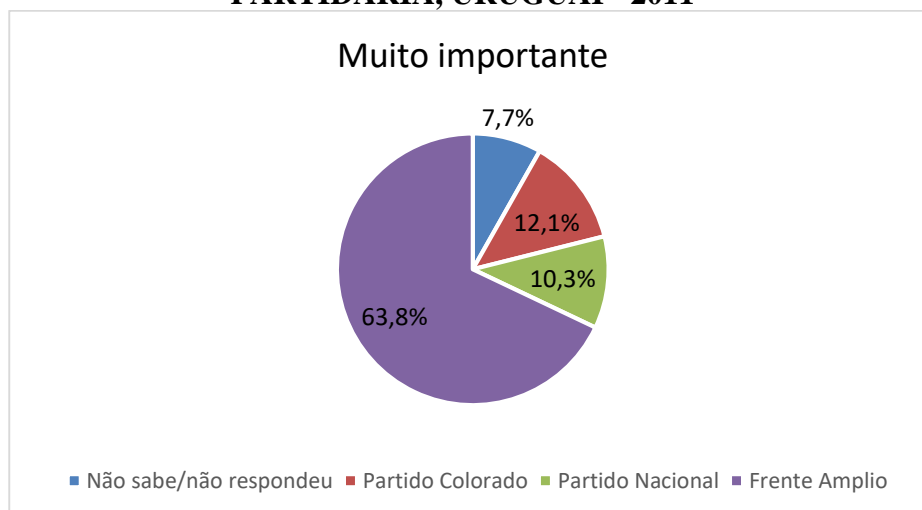
GRÁFICO 4 – CONFIANÇA NOS PARTIDOS POR PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA, URUGUAI - 2011



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do World Values Survey Uruguay, 2011. N = 1000.

No gráfico 5 vemos a variável sobre “importância da política na sua vida”, considerados apenas aqueles que responderam que a política é “muito importante” (11,6% do total de 1000 casos) cruzado com a variável preferência partidária. Vê-se que, entre as pessoas que consideram a política como muito importante em sua vida, 63,8% preferem a FA.

GRÁFICO 5 – IMPORTÂNCIA DA POLÍTICA POR PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA, URUGUAI - 2011



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do World Values Survey Uruguay, 2011. N = 1000.

Porque as pessoas que tem mais confiança nos partidos políticos são também aquelas que disseram que votariam na FA? O que explica o fato de que 84,2% daqueles que se declaram membros ativos sejam eleitores da FA? Porque tantas pessoas que tem preferência pela FA consideram a política como algo muito importante em suas vidas? A

hipótese aqui levantada é a de que a existência de espaços de socialização, como são os Comitês de Base, é o que diferencia a FA dos demais partidos, bem como a forma como ocorre a socialização entre seus militantes. Portanto, para entender como ocorre a socialização entre militantes da FA, foi realizada uma pesquisa etnográfica em dois Comitês de Base da cidade de Montevideú, capital do Uruguai, que concentra quase metade da população do país.

COMITÊS DE BASE

A base da democracia interna da Frente Ampla reside nos Comitês de Base (BAYLEY, 2005, p. 49), um espaço de convivência, debate e socialização, distribuídos por bairros e por setores (estudantes de direito, ciências sociais, economia, trabalhadores de diversos setores, etc.) onde todos podem participar, independentemente de serem ou não filhados à Frente Ampla. Ao todo existem cerca de 150 Comitês de Base. Entretanto, esse espaço de socialização política não é uma criação uruguaia. Na França pré-revolucionária do século XVIII existiam sociedades como as *sociétés patriotiques*, *société des amis de la constitution* e a *société des amis des droits de l'homme et du citoyen*, formadas a partir dos *salons* literários e inspirados na dinâmica associativa da maçonaria. (BOUTIER, BOUTRY, 1989). Esse tipo de associação voluntária e individual é considerada uma ruptura em relação a formas de socialização anteriores, como a igreja. (BAUREPAIRE, 2014, p. 85). A partir dessas sociedades é que surgiram os *clubs politiques*, atingiram seu auge durante a Revolução Francesa (BOUTIER; BOUTRY, 1989, p. 58) e que serviam como espaço de debate e de socialização.

Em conversas informais com militantes da FA, ao questionar sobre qual seria a origem desses espaços, algumas das respostas foram: que foram criados por imigrantes espanhóis que haviam lutado na guerra civil espanhola e trazido essa ideia ao Uruguai; de que foram imigrantes franceses do final do século XIX que haviam participado da comuna de Paris em 1871 ou ainda de que foram inspiradas nos comitês populares da Líbia durante os primeiros anos do governo Kadafi. No entanto, pode-se traçar a origem desses espaços no Uruguai aos primeiros anos do século XX. No período em que se forma a FA, os dois partidos tradicionais (Nacional e Colorado) há décadas já contavam com seus “clubes políticos”, similares em sua função e abrangência aos Comitês de Base e que segundo German Rama,

Fue (o clube político) la agencia de politización e incorporación de la masa, especialmente urbana, al proceso de decisiones. Como tal jugó un papel de extrema importancia en la socialización, la institucionalización de la participación progresiva de los estratos sociales – especialmente los inferiores – en el poder y de comunicación de éste con la base. (RAMA, 1971, p. 15)

O *club político* no Uruguai foi criado inicialmente pelo Partido Colorado, durante a presidência de Batlle y Ordoñez (1903-1907 e 1911-1915), como forma de democratizar a estrutura do partido a partir da aproximação com o eleitorado e também de funcionar como “*escuela de civismo*” (NAHUM, 2004, p. 37), e incentivar os eleitores a participar diretamente na organização e no programa do partido (GRAMPONE, 1984, p. 48). Assim, de acordo com Yaffé, esses espaços

surgieron a principios del siglo XX como parte de una reforma de la organización del partido colorado que propuso el presidente Batlle y Ordoñez, que buscaba justamente transitar de un partido que era elitista, un partido básicamente parlamentario, a un partido que tuviera más relación con sus bases electorales en las ciudades, en el mundo urbano, y crearon lo que en aquel momento se llamaba los clubes seccionales, es decir, el partido colorado organizaba secciones dentro del territorio de Montevideo y algunas ciudades grandes del interior y entonces en cada una de esas secciones se creaba un club donde los dirigentes del partido y los gobernantes iban a discutir con sus seguidores, con sus adherentes en el barrio, a explicar planes, las acciones del gobierno, a escuchar demandas. (YAFFÉ⁸, 2017)

Com o passar do tempo, os clubes passam a funcionar como espaço para troca de favores, pedidos de emprego, de aposentadorias e outros tipos de ajuda (RAMA, 1971).

Dessa forma, pode-se concluir que a presença dos partidos no cotidiano dos moradores de Montevideú já fazia parte da cultura política uruguaia, sendo uma expressão da relevância dos partidos na política do país. Uma peculiaridade dos Comitês de Base é seu funcionamento permanente, realizando campanhas de limpeza de praças, doação de alimentos e roupas para famílias em situação de vulnerabilidade, organizando creches para mães trabalhadoras, além de reuniões com moradores do bairro para discutir os mais diversos assuntos, desde problemas estruturais do bairro até temas sobre a política nacional (CAETANO (org.), 2005, p. 153). Em discurso na campanha para as eleições de 1971, o candidato a presidente e líder da FA Líber Seregni afirmou que “*los comités de base son una militancia comun donde todos podrán deliberar, participar, opinar, discutir y organizar*”, com o intuito de transformar-se no “*verdadero centro cívico del barrio*”

⁸ Entrevista concedida ao autor por Jaime Yaffé em 05/12/2017.

(Ibid.). Segundo o Estatuto da Frente Ampla, em seu capítulo 2º, artigo 31º, aos Comitês de Base compete

1. Difundir el Programa y la línea política del Frente Amplio.
2. Explicar y defender la acción del Frente Amplio.
3. Cumplir y hacer cumplir las decisiones de la Dirección Nacional, la Departamental y la Coordinadora.
4. Elaborar y formular propuestas a los organismos de Dirección.
5. Promover la participación de los frenteamplistas en los organismos de masas y de la comunidad.
6. Propender a la mayor captación de adherentes al FA.
7. Promover la contribución de los frenteamplistas en el mantenimiento financiero de la organización.
8. Participar en las tareas centrales y organizar las acciones que el propio Comité resolviera realizar, dentro de los objetivos y líneas generales acordadas centralmente.
9. Organizar las acciones que el propio Comité resolviera realizar, dentro de los objetivos y líneas generales resueltos por la Dirección Nacional, la Departamental y la Coordinadora zonal.
10. Buscar en su radio de acción la integración del mayor número de fuerzas posibles.
11. Elegir sus delegados al Congreso, a la Coordinadora y cuando así corresponda, al Plenario Departamental; recibir el informe de los mismos y tomar resolución sobre ello. (ESTATUTO DEL FRENTE AMPLIO, 2011).

A importância dada pelo próprio partido ao CB como espaço de socialização percebe-se pelo conteúdo do artigo acima, com ênfase no aspecto participativo e democrático, em especial através dos itens 4 a 9. O 11º e último item é o diferencial em relação à democracia partidária, já que possibilita aos CB elegerem delegados para as instâncias superiores dentro da estrutura da FA, concretizando o que Líber Seregni propunha depois das eleições de 1984: *“la necesidad de incorporar en nuestra orgánica del Frente Amplio una real y activa participación de las bases a todos los niveles de nuestro Frente”* (BAYLEY, 2005, p. 127). Estas seriam então as funções manifestas do Comitê de Base. Até que ponto o CB atinge esses objetivos? E quais são suas funções latentes? E como se dá a socialização entre os militantes? A utilização da análise etnografia permitirá atingir esses objetivos.

ETNOGRAFIA DOS COMITÊS DE BASE

A etnografia é um método de pesquisa desenvolvido pela Antropologia e consiste, segundo Geertz (2008), em elaborar uma “descrição densa” do objeto estudado, através da observação, registro e análise. Para Laplantine, etnografia é uma “observação rigorosa, por impregnação lenta e contínua, de grupos humanos minúsculos com os quais mantemos uma relação pessoal” (LAPLANTINE, 2004, p. 13). Essa é a abordagem etnográfica adotada neste trabalho, a partir da participação nas reuniões e eventos em dois Comitês de Base da FA em Montevideu, durante os meses de julho e agosto de 2018, bem como entrevistas com militantes destes e de outros Comitês, com vistas a compreender o processo de socialização entre militantes da Frente Ampla que frequentam os Comitês de Base. Em um primeiro momento é feita uma “descrição densa” de algumas reuniões, visto que as reuniões são estruturadas basicamente da mesma forma, serão pontuados alguns aspectos relevantes, com o objetivo de verificar se o Comitê cumpre suas funções manifestas, identificar suas funções latentes e de que modo ocorre a socialização entre os militantes. Em um segundo momento é feita a análise das reuniões e também das entrevistas com militantes, priorizando os dados acerca de socialização, do significado da militância e a importância do Comitê de Base.

A etnografia foi realizada durante os meses de julho e agosto de 2018. Tradicionalmente, os Comitês de Base se reúnem sempre às quintas-feiras, portanto, foram escolhidos dois Comitês de Base que se reuniam em dias diferentes, o que permitiu a observação e participação nas reuniões de dois comitês, Comitê de Base Martin Fierro e Comitê de Base 28 de *Noviembre*. O Comitê Martin Fierro foi indicado por uma fonte ligada à estrutura da FA, que o colocava como um comitê que funciona, realizando diversas atividades. Ao todo foram observadas 16 reuniões e 4 atividades informais, que serão detalhadas mais adiante. Também foram entrevistados 10 militantes de Comitês, cujos nomes serão preservados. A primeira reunião observada ocorreu em 12/07 e a última em 30/08. O Comitê Martin Fierro é formado por militantes na faixa etária entre 40 e 70 anos de idade, reúne-se às quintas-feiras, às 20h, e tem atividades aos sábados pela manhã. O Comitê 28 de *Noviembre* é formado em sua grande maioria por estudantes universitários e se reúne às segundas-feiras, às 20h. Em média, cada reunião tinha aproximadamente 12 participantes, e foi possível avaliar que a participação de mulheres é maior no Martin Fierro que no 28 de *Noviembre*.

No acompanhamento das reuniões foi possível identificar três momentos: o comunicado da Coordenadora, quando um dos delegados do Comitê passa as informações sobre o que foi discutido na reunião da Coordenadora da região; discussões sobre problemas do bairro (insegurança, pessoas em situação de rua) e sobre questões relativas à burocracia do comitê e do partido; e discussões sobre a política nacional e internacional.

Comitê Martín Fierro

O local onde está o Comitê é uma antiga casa que foi dividida em duas partes, uma é alugada pelo Comitê e na outra funciona um comércio. A entrada é pintada de vermelho, com um cartaz acima da porta identificando o nome do Comitê e a Coordenadora a que pertence. Em dias de atividade, são colocadas duas bandeiras na calçada em frente ao Comitê, uma bandeira do Uruguai e outra da FA. Na entrada, à esquerda é possível ver bandeiras penduradas na parede, duas da Frente Ampla e, entre as duas, uma bandeira do Uruguai, fotos de figuras históricas do partido, como Líber Seregni, Zelmar Michelini, Tabaré Vazquez e José Mujica, além de uma foto do cantor popular Alfredo Zitarrosa e um quadro de Che Guevara. À direita da entrada, um mural com cartazes relativos ao 25 de agosto (dia do Comitê de Base e da Declaração da Independência do Uruguai), uma foto de Salvador Allende, uma foto de Mujica com Astori e um cartaz relativo à Revolução Cubana (especificamente ao aniversário ao assalto ao quartel Moncada), assim como fotos de campanhas anteriores da FA. Nessa primeira reunião havia 14 pessoas, com idade entre 40 e 70 anos. As pessoas se tratavam com bastante intimidade (exceto um casal que participava pela primeira vez), com piadas entendidas apenas pelos militantes, intromissões nas falas entre eles e algumas vezes com discussões em tom de voz elevado. Ninguém costumava falar muito mais tempo que os demais, embora alguns participantes não tenham chegado a pedir a palavra.

Nessa reunião, o debate era sobre a insegurança no bairro. Um senhor que estava participando pela primeira vez disse que teve a ideia de ir a um Comitê de Base porque queria conversar com outros vizinhos para tentar resolver o problema da segurança no bairro e também porque queria dar seu “grãozinho de areia” ao partido, já que tinha notado nos últimos tempos que alguns colegas seus, trabalhadores como ele, não tinham mais vergonha de dizer que estavam pensando em votar nos *blancos* na próxima eleição, e isso o deixou preocupado. Aqui se vê uma pessoa com certo grau de politização, que relaciona a melhora de sua situação econômica com políticas sociais dos governos da FA, enquanto outros “companheiros” seus de trabalho, com situação semelhante, não tinham,

segundo ele, a mesma percepção. Pode-se interpretar esse caso como um exemplo da utilização da militância como forma de compensar uma certa carência cultural e social e como “substituto possível dos mecanismos tradicionais de socialização política” (CROISAT, DERVILLE, 1979, p. 760). Essa pessoa foi acolhida pelos militantes do comitê e teve todas suas dúvidas esclarecidas. Segundo informado por militantes experientes, essa é uma das características do Martin Fierro:

“La verdad que este comité es bárbaro, te abre las puertas inmediatamente y participás como uno más desde hace tiempo. Me siento recómodo con todos los compañeros y siento que además es un comité que va para adelante. Acá somos todos indios, ningún cacique.”

“El compañero vino con ese problema que se generó y bueno, hay que resolverlo y hay que conversar, y ver como articulamos para que respondan desde la institucionalidad a ese problema, no que lo solucionen pero si para que den información”

Os outros militantes mais experientes discutiram as questões mais estruturais da insegurança, como o desemprego e o uso problemático de drogas, e o caso dos ex-presos, que muitas vezes são abandonados pelas famílias (quando as tem), não conseguem emprego e tem que morar na rua e tentar sobreviver como podem. Um dos militantes mais jovens cobrou do Comitê a organização de um debate com o “companheiro” ministro do interior (equivalente a ministro da segurança) para tratar do tema da segurança. Nesse momento, outro militante pediu a palavra levantando a mão e esperando sua vez. Após ter a palavra, disse que o problema da insegurança se resolve com trabalho, que é necessário que os jovens tenham trabalho, por isso a prioridade deveria ser um debate com o “companheiro” ministro do trabalho. A participação de membros do governo é especialmente importante para os militantes:

“Para mí los diputados, senadores, ministros, tendrían que estar permanentemente bajando a los comités, hablando con la gente, explicando en qué están”

O debate também explorou o tema do uso político da insegurança pela oposição e pelos meios de informação. Em seguida, o mesmo militante que havia pedido a presença do ministro do interior, afirmou que estava preocupado com a participação das pessoas do bairro no Comitê, que o “Comitê discutia “A” e as pessoas estavam querendo saber de

“B”, ou seja, as discussões estavam distantes daquilo que as pessoas queriam realmente saber. Era necessário, portanto, tratar de assuntos do interesse real das pessoas. Em seguida, um outro militante trouxe ao grupo a informação de que estava sendo organizado um debate com o ministro do interior em outro Comitê da mesma Coordenadora, no final do mês de julho, e que de acordo com “companheiros” da direção do partido, seria difícil que o ministro pudesse participar de mais de um debate em dois Comitês da mesma Coordenadora. A opção era aproveitar esse debate em outro Comitê e convidar os militantes ou então tentar chamar outro “companheiro” para debater.

É interessante que o termo “companheiro” é usado seguidamente pelos militantes, o que não ocorre no Comitê 28 de *Noviembre*. Um “companheiro” pode ser um colega de trabalho, algum outro militante, algum político (companheiro deputado, companheiro do poder executivo, etc.). Todos parecem aptos a serem chamados de “companheiros”. Houve um momento em que foi discutido o que fazer com “companheiros” que haviam abandonado o partido, se poderiam ser aceitos de volta ou não. Houve, aparentemente, unanimidade na decisão de não aceita-los mais como membros do partido.

A reunião prosseguiu com questões gerais sobre o funcionamento do Comitê, sobre próximas atividades e sobre uma coleta de assinaturas a ser realizada pelos militantes no bairro para tentar sensibilizar os “companheiros” do poder executivo acerca da importância da adaptação de um determinado lugar no bairro em um centro de esportes ou em um centro de atenção à primeira infância. Pode-se ver neste momento a participação do Comitê na vida do bairro, com a intensa organização dos militantes para conseguir um lugar para a construção de uma creche. Essa preocupação dos militantes em realizar atividades que beneficiem o bairro repetiu-se nas entrevistas:

“En este momento el comité tiene una tarea que es crear un centro de primera infancia en la zona, que creemos que es bastante importante, se empezaron a juntar firmas de los vecinos para poder conseguir que organismos del estado lo puedan apoyar y tirar para adelante, para que salga”.

“El otro día tuvimos una reunión con varias cooperativas de ayuda mutua que se instalaron en el barrio, para empezar a planificar algunas tareas concretas”.

“Hay una comisión que está trabajando el tema del transporte, por la locomoción que está escaseando por esta zona.”

Após a reunião ter sido encerrada, um dos militantes ficava encarregado de preparar comidas e bebidas. Começava a reunião informal, onde não havia ordem, todos falavam ao mesmo tempo, com o grupo ou entre dois ou três, comiam e bebiam, poucos ainda permaneceram sentados. Cada militante presente contribuiu com um valor específico para a comida e a bebida da reunião informal. Neste momento o assunto era basicamente a situação de outros países da América Latina. Os militantes opinavam e discutiam fortemente quando havia divergências. Em relação aos momentos de discussão, alguns militantes afirmaram:

“Nos peleamos un poquito, pero todos saben que hay objetivos comunes”

“Siempre hay algún compañero medio complicado, eso pasa en todos los grupos humanos. Pero hay una cosa que pasa en este comité, y por eso tenemos tanta participación en las actividades, y es que es realmente abierto, o sea, no hay segregación de gente porque piense distinto”.

“Se suelen dar discusiones fuertes, porque ahí se enfrentan posiciones de cómo se entiende deberían ser las cosas”

A partir da segunda reunião já foi possível identificar a repetição de determinados padrões. A parte inicial das reuniões era dedicada ao comunicado dos delegados que estiveram na reunião semanal na Coordenadora. Depois discutia-se e elaborava-se propostas para serem encaminhadas de volta à Coordenadora e então começava o debate acerca dos demais problemas. Finalizada a reunião, iniciava-se a reunião informal, com consumo de comida e bebida. Pode-se ver como funciona a democracia interna do partido. Em um primeiro momento, os delegados dos Comitês encaminham à Coordenadora os assuntos e problemas debatidos nos Comitês. A seguir, trazem ao Comitê as respostas e as propostas elaboradas pela Coordenadora. A eficácia desse estrutura da FA, no entanto, é objeto de críticas. Em entrevista, alguns militantes afirmaram que, em relação à estrutura da FA,

“No me gusta como está funcionando, creo que es verticalista. Se dice que es un partido diferente pero creo que hoy por hoy está casi casi como un partido tradicional. Cocinan mucha cosa arriba y lo bajan cuando ya está cocinado”.

“Es un monstruo de 57 mil cabezas, como consecuencia de ello, es un monstruo muy lento y muy grande, y creo que está adecuado a otros tiempos, está desactualizado”.

A terceira reunião começou com distribuição de material interno do partido, a propaganda de uma atividade com deputados em um comitê próximo e um folheto com novidades do partido, como um número para informações e algumas ações do governo nacional. A seguir, como de praxe, um dos militantes informou sobre o que foi discutido na reunião com a Coordenadora, como o uso de um aplicativo pelo FA para se comunicar com filiados, dando ênfase na questão dos *consejos vecinales*, que estariam sendo abandonados pela FA e sendo ocupados pelos *blancos*, deixando muitos militantes descontentes com a situação, pois poderia gerar problemas para a *intendencia*. Houve um debate bastante prolongado sobre a importância de ter militantes frenteamplistas que participem de outras esferas políticas, como movimentos estudantis, sindicatos, associações de bairro, porque, segundo opinião dos militantes, o FA está perdendo influência nessas esferas. Fica clara a preocupação dos militantes com o fato de o Comitê não estar cumprindo com uma de suas funções manifestas, qual seja, a de “promover a participação dos *frenteamplistas* nos organismos de massa e da comunidade”.

Eram apenas três ou quatro militantes que falavam com mais frequência. Outros militantes basicamente ouviam ou mantinham conversas paralelas em voz baixa. Outro tópico que gerou debate foi o afastamento dos companheiros que ocupavam espaços de poder com as bases, e isso enfraqueceria a força política. Essa mesma preocupação foi explicitada em uma das entrevistas:

“Hay un problema que es que el gobierno se tragó los principales cuadros políticos que tenía la fuerza política. Entonces ahí tenés un problema serio que en general la estructura de gobierno se va fagocitando a la fuerza política”.

Nesta reunião não houve discussão sobre política internacional, nem sobre insegurança ou desemprego. Pela ordem da pauta foi discutido um plano para juntar assinaturas para enviar à prefeitura um pedido de construção de uma creche e um centro de atividades esportivas/culturais, considerada uma das prioridades do bairro. Foi colocado em pauta o convite para o companheiro ministro do trabalho participar de um debate no Comitê, e que um dos militantes seria responsável de entrar em contato com o ministro. A função de chamar integrantes do governo encaixa-se em uma das funções manifestas do Comitê, a de “explicar e defender a ação da FA”. Percebe-se que alguns militantes tem mais contato com companheiros de órgãos superiores do partido.

Quando o presidente encaminhou o final da reunião, alguns se dirigiram à cozinha para organizar as bebidas e as comidas para a reunião informal, cujos assuntos foram o sistema tributário, as aposentadorias e a viabilidade de uma renda básica universal no Uruguai. Mais pessoas discutiram esses assuntos do que aqueles tratados na reunião “oficial”, talvez por sentirem-se mais à vontade com a informalidade do pós-reunião.

Todos os sábados o Comitê faz um almoço aberto à comunidade. Na vez que estive presente as conversas eram sobre questões familiares dos militantes, em um clima familiar e descontraído. Essa fala marca o caráter informal do evento, um encontro manifestadamente de socialização, mas que também serve, através da venda de comida e bebida, como forma de atrair pessoas do bairro para o Comitê. No entanto, conforme um dos militantes, nesse dia apenas aqueles que já são eleitores da FA compareceram, e que é difícil que outros moradores do bairro participem.

A reunião seguinte contou com a presença de oito pessoas. Pela primeira vez o rádio estava ligado, ouvia-se música folclórica uruguaia e latino-americana. Fora isso, seguiu-se o padrão das reuniões anteriores: comunicado da Coordenadora, discussão e a reunião informal com comidas e bebidas. Entre os assuntos debatidos estava a preocupação com a segurança (segundo eles, esse vai ser o tema principal da campanha), a importância da democratização dos meios de comunicação, uma discussão sobre como são medidos os índices de criminalidade e pobreza e comparação com os índices do Chile e Costa Rica, mostrando que nesses dois países a criminalidade e a pobreza cresceram mais do que no Uruguai. Houve uma forte discussão sobre o sistema carcerário. Um dos militantes tem um filho que está preso, e portanto considera fundamental haver alguma alternativa para ressocialização dos presos, seja por uma escola técnica ou algum tipo de trabalho. Também houve um militante que disse estar preocupado sobre como ressocializar aqueles que nem estudam nem trabalham. Falou-se rapidamente sobre corrupção policial e em seguida começaram a falar sobre como os meios de comunicação influenciam o debate político, fazendo com que a única coisa que se discuta é a insegurança. A seguir passou-se ao tema da “*peña*”⁹ que seria realizada na semana seguinte. Esse foi o momento em que quase todos os militantes participaram da discussão,

⁹ De acordo com o dicionário da *Real Academia Española*, uma *peña* é um “*grupo de personas que participan conjuntamente en fiestas populares o en actividades diversas, como apostar, jugar a la lotería, cultivar una afición, fomentar la admiración a un personaje o equipo deportivo*”.

e com mais entusiasmo, um exemplo de como valorizam esse momento explícito de socialização e camaradagem.

Falaram sobre a organização da “*peña*”, que tipo de comida e bebida, quem vai entrar em contato com um companheiro que toca violão e canta, e o melhor, de graça. Segundo os militantes, o objetivo da “*peña*” é menos fazer caixa para o Comitê do que fazer com que as pessoas do bairro se aproximem, “*que vean que no mordemos*”. Percebe-se claramente que os militantes valorizam a própria socialização, onde a função de captar recursos da “*peña*” não é tão importante quanto a própria socialização.

Ainda não se sabia qual “companheiro” do poder executivo ou legislativo estaria presente no dia do Comitê de Base (25/8), então o presidente entrou em contato com alguém da FA e pediu o número do “companheiro” ministro do trabalho. Cinco minutos depois estava com o número pessoal do ministro e diz que ligaria para ele no dia seguinte, convidando-o para ir no dia do Comitê de Base falar sobre o trabalho realizado pelo ministério. Essa proximidade entre políticos e as bases do partido é percebida pelos próprios militantes:

“Acá en Uruguay es todo muy llano, cualquier ciudadano puede acceder a las esferas más altas de decisión, no necesitas tener un apellido ni una carrera ni una familia”

Após a discussão sobre a “*peña*” e o dia do Comitê, teve início a reunião informal, e continua a discussão sobre a organização destes eventos, mais uma vez comprovando a importância dos momentos de socialização e de abertura do Comitê para a comunidade do bairro. Estava sendo organizada uma atividade entre os comitês da Coordenadora para pintar a fachada de um comitê onde, na semana seguinte houve um debate com o ministro do interior e a vice-ministra de desenvolvimento social. Com venda de alimentos e bebidas para arrecadação, a reunião contou com aproximadamente cem pessoas, lotando o espaço do comitê. Tanto a vice-ministra de desenvolvimento social como o ministro do interior chegaram sem muita segurança e conversando com os militantes que esperavam na calçada. Durante o debate, os dois representantes do poder executivo explicaram as causas da violência no Uruguai e as ações que o governo desenvolveu para combatê-la. A seguir, vários militantes fizeram perguntas aos ministros. Durante as falas quase todos estavam em seus lugares e ouviram com atenção. A vice-ministra falou principalmente sobre as ações do ministério nos bairros mais pobres, como recuperação dos espaços

públicos, investimento em locais para atividades para crianças, entre outras realizações. Criticou alguns meios de comunicação que, segundo ela, exploravam o assunto da insegurança para fins eleitorais, afirmando que a criminalidade no Uruguai não é pior do que em outros países da região, pois o Uruguai tem menor índice de pobreza.

Em sua fala, o ministro explicou que a principal causa da violência não é a pobreza, mas a desigualdade. Segundo ele, o sistema capitalista reproduz desigualdade e violência, promovendo hábitos de consumo aos quais a maioria não tem acesso. Pontuou os investimentos realizados pelos governos da FA em inteligência, melhorias das condições de trabalho de policiais, equipamentos, etc. Ao final, oito pessoas fizeram perguntas sobre questões mais pontuais sobre segurança no bairro, que o ministro respondeu sem se aprofundar em alguma solução específica.

Na reunião seguinte, o comunicado da Coordenadora não foi debatido como das outras vezes, já que era a última reunião antes da “*peña*”, logo, a reunião serviu para organizar os últimos detalhes do evento, que ocorre sempre no primeiro ou segundo sábado de cada mês. A “*peña*” iniciou às 20h, com as tarefas divididas entre os militantes que sempre estavam nas reuniões. As pessoas chegaram aos poucos, e todos pareciam conhecer-se. Fiquei sabendo por um militante que muitas pessoas só se viam nas “*peñas*”, por isso o momento era tão importante. De acordo com Croisat e Derville as reuniões são um momento privilegiado de reforço dos laços comunitários, mais do que um lugar de aprofundamento do conhecimento político (CROISAT, DERVILLE, 1979, p. 773).

Em seguida o “companheiro cantor” afinou o violão e começou a cantar. Havia pessoas de todas as idades, e dois deputados e uma senadora estiverem presentes. Conforme um dos militantes organizadores, a “*peña*” não tem como meta fazer caixa, embora as vezes sobre algum dinheiro, mas sim servir como um encontro entre os vizinhos, para chamar as pessoas do bairro a participar.

A reunião seguinte, como de costume, começou com o comunicado da Coordenadora. O comunicado foi breve e sem muito debate, pois todos estavam interessados em conversar sobre a “*peña*”, que teve um balanço financeiro favorável e todos estavam contentes com a quantidade de pessoas que esteve presente. A conversa sobre a “*peña*” ocupou quase toda a reunião. Ao final, resolveram-se os últimos detalhes sobre a atividade a ser realizada nos próximos dois sábados no mesmo comitê do debate

com os ministros. Na reunião informal, os assuntos eram sobre acontecimentos ocorridos durante a “*peña*”.

A reunião seguinte começa com uma conversa sobre quem serão os novos ocupantes dos cargos no Comitê, que serão escolhidos no dia 25 de agosto, dia do Comitê de Base. É informado também que um deputado está disposto a participar de um debate no Comitê no mesmo dia. Falou-se também da organização do congresso da FA, em dezembro, da importância da cobrança da mensalidade dos filiados e da organização do material de propaganda para o dia do Comitê de Base. Como em outras reuniões, discutiu-se a importância de eleger “*compañeros*” militantes do FA para cargos nos *consejos vecinales*, pois os *blancos* estão se organizando para eleger o máximo de conselheiros. Esse debate durou bastante tempo. Durante a reunião informal é que ocorrem as discussões mais acirradas, sobre temas mais amplos. Talvez por não ser mais o momento formal da reunião, os militantes participam mais, o debate fica mais fluido.

A atividade organizada pela Coordenadora no Comitê Allende-Cavani começou um pouco depois das 10h. Participaram principalmente militantes do Comitê Martin Fierro e do Allende-Cavani. As tintas foram disponibilizadas pelo partido, havia música e venda de alimentos e bebidas. Muitos ajudavam pintando as paredes, enquanto outros, especialmente os mais velhos, ajudavam nas tarefas leves. Durante as conversas com os militantes ali presentes percebi que todos estavam satisfeitos com a atividade, dado que estavam contribuindo para melhorar a imagem do Comitê, além de estarem se encontrando com amigos e conhecidos para uma atividade “útil”. A atividade contou com a presença de dois deputados, que também ajudaram na pintura.

O dia do Comitê de Base, 25 de agosto, é o momento em que os comitês realizam assembleias para escolher seu secretariado e delegados e também realizam atividades para arrecadação e recebem visitas de políticos do partido. No Comitê Martin Fierro o dia teve a preparação de um almoço, com a presença de doze pessoas, as mesmas que participam mais assiduamente das reuniões. Durante o dia todo ouviu-se música popular uruguaia, inclusive o hino nacional, dado que o 25 de agosto é o dia da declaração da independência do Uruguai. A partir das 16h, começou-se a organizar o comitê para a presença de um deputado da FA que participaria de um debate com os militantes. Muitas pessoas que nunca participaram das reuniões estavam presentes. O deputado explicou as ações do governo e em seguida respondeu perguntas de alguns militantes, especialmente

preocupados com a segurança, o desemprego e as perspectivas sobre as eleições do ano que vem. Após o término do debate o deputado participou do café organizado pelo comitê no final da tarde, conversando informalmente com os militantes.

Comitê 28 de *Noviembre*

O Comitê está localizado em uma antiga casa que é propriedade da FA, próximo à diversas sedes da universidade pública, o que explica a peculiaridade do Comitê ser formado principalmente por universitários. Por ser propriedade do partido, a casa serve como sede de outros comitês, como o comitê de estudantes de ciências sociais. Como em outros comitês, acima da porta de entrada está o cartaz com o nome e a identificação da Coordenadora. Em dias de atividade, um dos militantes coloca uma bandeira da FA na entrada. A sala onde são as reuniões tem uma mesa grande de madeira ao centro, quadro de Seregni em destaque, Tabaré Vazquez e José Mujica, uma foto do ato de fundação da FA, além de uma bandeira do Uruguai e outra do FA de pé em um dos cantos. As reuniões são às segundas-feiras às 20h30. A maioria dos participantes é estudante universitário, na faixa entre os 20 e 35 anos de idade, em algumas reuniões houve três ou quatro pessoas com mais de 40 anos. A diferença etária é a principal entre os dois comitês observados, o que se reflete no andamento das reuniões e no comportamento dos militantes.

As reuniões que observei nunca iniciaram no horário marcado e os atrasos eram frequentes. Boa parte dos militantes chegava com a reunião em andamento. As reuniões começavam com três ou quatro militantes e terminavam com doze ou mais, dependendo do dia. A primeira parte da reunião era dedicada às apresentações. Em todas as reuniões observadas havia militantes que estavam participando pela primeira vez, por isso em todas as reuniões havia um momento de apresentações. Diferentemente do Comitê Martin Fierro, ninguém se chamava de “companheiro” e o ato de levantar a mão para pedir a palavra não era usual. De forma geral, as reuniões eram menos organizadas e as discussões prolongadas não eram habituais. Assim como no Comitê Martin Fierro, a primeira parte da reunião é dedicada ao comunicado da Coordenadora. Normalmente as discussões tratavam de assuntos internos do comitê ou do partido.

Na primeira reunião, o tópico que ocupou boa parte do tempo foi o problema financeiro do comitê. Um dos secretários afirmou que desde novembro o comitê não havia arrecadado nada, e que a conta de água era dividida entre os membros da secretaria. Os demais militantes concordaram que é necessário realizar mais atividades para arrecadar

dinheiro, sem no entanto decidir nada específico. Outro assunto foi que tipo de atividade seria realizada no dia 25 de agosto, já que no ano passado o comitê havia sido o que mais votos teve entre todos os comitês do país, segundo um militante. Todos os militantes presentes falaram na reunião, em algum momento. Nesta primeira reunião todos os assuntos tratados diziam respeito à organização do comitê ou da FA, como uma questão levantada por um militante sobre o financiamento do comitê. Uma militante estava particularmente preocupada com a pouca importância que a estrutura do partido dá aos comitês, e que, segundo ela

“Nosotros somos los que ganamos las elecciones. Si no, el FA que gaste la plata con marketing, a ver si ganan una elección solo con el marketing”

Essa afirmação expressa a importância com que os militantes veem a sua atividade, como uma forma de convencer as pessoas a votarem na FA e assim ganhar as eleições. Mais uma vez fica explícita a importância dada aos militantes, considerados como os que realmente ganham as eleições para o partido e também a falta de apoio do partido aos Comitês. No final da reunião discutiu-se rapidamente sobre a questão da violência na Nicarágua e qual deveria ser a posição do governo uruguaio.

Na segunda reunião, repetiu-se o atraso da maioria dos militantes. Uma das pautas foi um pedido para a direção central de um ar condicionado para a sede, que pertence ao partido e portanto teria interesse na melhoria das instalações. Falou-se também da venda de rifas para arrecadação, mas não chegou-se a nenhuma conclusão, e também da necessidade de entrar em contato com os filiados que estão em atraso com o partido para cobrar as mensalidades. Os militantes comentam sobre suas preocupações com o financiamento da FA, devido a casos recentes na América Latina do uso de caixa 2, o que, segundo os militantes, a FA não pode permitir que aconteça no Uruguai. Apenas na metade da reunião é que o presidente lembra que é necessário que seja passado o comunicado da Coordenadora. Essa desatenção é um indicativo da falta de interesse sobre as questões que as instâncias superiores abordam e propõem aos comitês. O comunicado foi dado de forma pouco organizada e sem entusiasmo, e não houve discussão posterior.

Em seguida o assunto é o próximo congresso da FA, realizado em dezembro, que por ser um congresso programático, visa à construção de um programa para as eleições de 2019 e à escolha de pré-candidatos, portanto não discutirá outros assuntos. Nesse momento um dos militantes abre o estatuto do partido e confirma a informação, o que

causou desconforto em militantes favoráveis a discutir outros pontos além do programa no congresso. A seguir, a discussão é sobre as possíveis atividades a serem realizadas no dia 25 de agosto e qual político convidar. É consenso entre os presentes que deve ser um político jovem, de preferência mulher. Um militante afirmou que é necessário a FA pensar outra forma de militância, pensar em algo diferente para atrair mais pessoas. A última discussão dessa reunião foi sobre o projeto de lei que tramitava no congresso relativo à criação da Universidade da Educação (UNED). O assunto foi longamente debatido, inclusive com a leitura por um dos militantes da lei orgânica da universidade pública (*Universidad de la República*). A preocupação era com a ausência de qualquer menção, no projeto de lei, sobre a autonomia, o financiamento e a gratuidade da UNED.

A reunião seguinte novamente começa com a apresentação dos presentes, que no início são apenas cinco, e no decorrer da reunião os que chegavam também se apresentavam. Novamente o comunicado da Coordenadora é feito sem que os militantes prestassem muita atenção. A discussão foi sobre a organização do evento do dia 25 de agosto, que bebidas e alimentos seriam vendidos, se haveria opção vegetariana, etc. Houve uma continuação do debate sobre a criação da UNED, no entanto com menor discussão, e no final um debate sobre a possível legalização da prostituição. Essa reunião foi mais concisa que as demais, e foi logo encerrada pelo presidente. Nas reuniões do Comitê 28 de *Noviembre* a maioria das discussões eram sobre assuntos internos do comitê, especialmente organizativos ou financeiros, e da FA. As discussões sobre problemas do bairro, que sempre ocorrem no Comitê Martin Fierro, eram inexistentes. No entanto, discussões sobre a criação de uma universidade exclusiva para formar professores, debates sobre questões de gênero e prostituição aconteciam no 28 de *Noviembre* mas não no Martin Fierro.

Na última reunião antes da atividade do dia do comitê de base cheguei às 20h20, os primeiros militantes chegaram às 20h40, sendo que a reunião só começou às 21h10, inicialmente com quatorze pessoas e sem a presença dos presidentes e secretários. Assim como no Martin Fierro, o assunto principal foi a mudança dos cargos do secretariado do comitê. Fui informado que setembro é o mês da diversidade, e que seria convidado um militante do movimento LGBT para debate no comitê. O número máximo de pessoas na reunião foi de vinte e três pessoas. Foi também escolhida uma “comissão gastronômica” para decidir qual seria o cardápio do 25 de agosto, quando e quanto de comida comprar, etc. Fui informado de que é a primeira vez, desde a fundação do comitê em 1971, que

houve uma mudança do dia da reunião, de quinta para segunda, e que foi vista como muito benéfica, pois produziu um aumento no número de participantes. Falou-se da organização para o ano que vem, como é ano de campanha, o atual presidente fez um discurso sobre a importância do ano eleitoral, de que todos tem que trabalhar em dobro, mas que no final pode ser muito recompensador. Como era a última reunião antes da mudança do secretariado, ao final da reunião foi feito um balanço, por quem quisesse falar, do último ano. Quase todos se manifestaram, uma pedindo perdão por não ter feito tudo o que podia, por questões de estudo e trabalho, outra dizendo que foi um ano complicado mas que com a mudança do dia das reuniões poderia participar mais, etc.

Por fim, o presidente fez um balanço de sua gestão e propôs os novos nomes para o secretariado. O presidente se emocionou durante o discurso, tem boa oratória e todos escutam com atenção quando fala. Na hora de propor nomes para o secretariado, justificava sua escolha e, após dizer quem era o “escolhido”, perguntava se estavam todos de acordo, todos aprovavam e aplaudiam o escolhido. É uma forma inusitada essa forma de escolher autoridades, praticamente uma escolha pessoal do presidente, onde a aclamação inibia qualquer opinião contrária. A preferência era sempre por militantes mais fiéis, que iam a todas as reuniões e que participavam mais. Na hora do balanço do último ano uma jovem que milita há um ano no comitê disse que continuava vindo nas reuniões porque ali “*me escuchan*”. Outro militante disse “*me siento importante*”, outro que “*acá se discute política*”. Houve ainda frases como “*milito para que el otro sea feliz*”, ou “*estoy acá porque en el comité la gente siempre puede ayudarte*”. A partir das afirmações dos militantes e, de acordo com Gaxie, pode-se ver as reuniões dos partidos como uma “grande família”. Dessa forma, “as organizações políticas tornam-se assim um dos principais fatores de estruturação da existência de seus membros e preenche uma função de integração social” (GAXIE, 1977, p. 138).

Nas entrevistas com militantes de diversos comitês da cidade de Montevideu, com idades entre 26 e 70 anos. As entrevistas semi-estruturadas eram sobre a socialização anterior à participação no comitê, significado da militância e importância da militância no comitê. Algumas entrevistas foram realizadas presencialmente em diferentes locais, no próprio comitê, em um café, na casa do militante, e por telefone, sendo gravadas com autorização dos entrevistados. A seguir destacam-se alguns trechos que serão analisados à luz das teorias de socialização vistas anteriormente.

Como visto nos primeiros estudos de Hyman e Easton e Dennis, a família desempenha um papel fundamental na socialização política. Algumas entrevistas respaldam essas teorias, assim como a perspectiva da persistência (WASBURN; COVERT, 2017):

“En las elecciones de 2004, con 13 años empecé a militar en el FA, aunque no estaba afiliado, fue por familia, ya que mi madre y padre participaban”

“Mi viejo era anarquista, había sido sindicalista durante muchos años, y no pudo trabajar más, estaba en las listas negras.”

“Mi madre sobre todo fue una joven comunista pero con muy poquita militancia, hija de comunistas. Mi abuelo si era militante sindical y militante del partido, que fue el que me hizo gustar a mí la política en un principio. Sí crecí en un hogar de trabajadores y que, como consecuencia de la dictadura, era una barra de izquierda”.

Jennings e Niemi afirmam que, além da família, a escola exerce influência importante para a formação de atitudes e crenças políticas, e o mesmo afirmam alguns dos entrevistados. Os trechos a seguir encaixam-se também na perspectiva dos anos impressionáveis, segundo a qual atitudes e crenças políticas são mais propensas à mudança na fase que vai do final da adolescência ao início da vida adulta (WASBURN; COVERT, 2017). Também foi citada como importante a socialização em locais de trabalho:

“La militancia política empieza antes del golpe, cuando yo iba al liceo, empiezo a militar en alguna asamblea estudiantil, había gente del partido comunista, la juventud comunista, y empiezo a participar en las asambleas”.

“Un poco influenciado por ideologías que uno había estudiado en educación secundaria, me afilie casi de inmediato a lo que fue el Partido Socialista”.

“En el 78,79, hablando con amigos del barrio, un amigo me invita a participar de un grupo que estaba reuniéndose clandestinamente, empezando a leer algunos documentos y algunas cosas, en el 79 empiezo a militar con él, y cuando empieza a largar la onda del plebiscito del 80 ahí empezamos a militar un poquito más fuerte, La militancia más fuerte fue para las elecciones del 84”.

“Cuando vino la represión, militaba en el gremio del FUNSA¹⁰, que era donde trabajaba, la fábrica de neumáticos. Ya después en el 69 me integré al MLN y seguía militando en lo gremial”.

“En el año 65 entré a trabajar en una empresa, había muchas fábricas en la zona de Maroñas. Me había afiliado en la juventud comunista a los 16 años. En el barrio había un círculo juvenil y allí se empezaron a introducir en mi cabeza las ideas del socialismo, del comunismo. Teníamos un círculo que lo llamábamos círculo rojo, que agrupaba una cantidad de gurises jóvenes, de 15, 20, 25 años. En esa época el partido comunista tenía mucha influencia en el movimiento obrero, entonces de una manera u otra, todos recibíamos la palabra de los comunistas”.

Outros militantes, no entanto, socializaram-se em famílias com preferência partidária diferente, sendo, nesses casos, o contexto histórico mais importante para a socialização do que a influência familiar:

“Vengo de una familia del Partido Nacional, con mucho peso. Desde que tengo uso de razón en mi casa se habló más que nada del Partido Nacional y vi dirigentes del PN pasar”.

“Mi padre era de derecha totalmente, militarista, era de la fracción del golpe. Mi madre le mentía a mi padre que votaba a la derecha y votaba a la izquierda, pero para no tener problema con el marido ocultaba su voto”

Foram citados momentos importantes da história política uruguaia como marcos iniciais de militância, constatando a importância do contexto histórico no qual o indivíduo se desenvolve para o seu processo de socialização política:

“Con 19 años, en marzo del 89 se hizo ese plebiscito donde, desafortunadamente, ganó el “Sí” o sea que, a partir de ese momento la ley de caducidad quedó llevada a la práctica por lo tanto los militares y civiles que habían violado derechos durante la dictadura quedaban exentos de cualquier juicio que se les pudiera hacer, y eso me llevó a que yo quedara dentro del FA”.

“Mi militancia la empecé con 15 años, un año después que haya ganado el FA por primera vez, o sea en el 2005. Muy motivada por la familia, por el ambiente social,

¹⁰ Fábrica Uruguaya de Neumáticos S.A.

por las inquietudes que veía en un país que estaba saliendo de una crisis. La muerte de Liber Seregni, los primeros triunfos desde el 2004, los triunfos departamentales del 2005, que realmente marcaron mucho, y que directa o indirectamente me fueron generando inquietudes”.

“El hecho de ir al comité de base fue empujado por la falta de militancia. Cuando las encuestas anteriores a la primera vuelta de 2014 le daban la posibilidad de que Lacalle Pou empatara o tenía casi un empate técnico, fue cuando yo empecé a pensar: acá hay algo raro, acá hay algo que está mal, y como consecuencia de la posibilidad de que el FA perdiera el gobierno”.

“Sobre el año 80 empieza a generarse una efervescencia, también en un marco político con algunos plebiscitos y con distintas situaciones sobre el tema constitucional y todo eso que se daba una determinada apertura”.

Em relação ao sentido da militância na vida dos entrevistados, foram citados fatores como sentir-se útil, lutar por aquilo que se acredita ser justo, colaborar com o partido. Assim, as retribuições aproximam-se da definição de Gaxie, para quem o militante partidário se sente retribuído pela atividade política pela satisfação de defender suas ideias, estar vinculado a uma causa, sendo estas retribuições mais importantes do que a remuneração financeira (GAXIE, 1977, p. 125).

“La militancia, en lo personal, por un lado, uno se siente bien en el sentido de que uno es consecuente con lo que peleó. Sea de la forma que sea, todos los que estamos ahí, queremos o peleamos por una justicia social que hoy, en esta sociedad, no existe. Todos teníamos objetivos mucho más grandes que los que hemos llegado hoy. La realidad te va diciendo hasta donde puedes llegar”.

“Militar es una forma de involucrarse y comprometerse con lo que pasa, de hacerse cargo de lo que pasa, de que si uno levanta la voz y se queja, cuando lo respalda la acción, cambia. No creo que dependa de estar en un partido político o un comité, ni pertenecer a un sector, sino que, en verdad, hoy por hoy yo lo tomo como una actitud del día a día, más bien una filosofía de vida de estar comprometido y mirar lo que le pasa al que está al costado, de ponerse en el lugar del otro, tanto del político que tiene que tomar la decisión como del trabajador o un ciudadano común que está disconforme”.

“La militancia a mí me hace ser útil, en poner mi granito de arena para lo que yo creo que es lo mejor que le ha pasado al país en materia política, que es el FA en el gobierno, no deje de estar. Contribuir a lo que yo creo que es el mejor modelo que hemos tenido en la historia del país. Me aporta la tranquilidad de estar haciendo lo que tengo que hacer, lo que siento que tengo que hacer”.

“Hacer todo lo que esté a tu alcance por los demás, para contribuir con lo que uno cree justo. Cuando arrancas la militancia, en realidad no buscas nada para vos. Todo lo que puedas hacer es para los demás. En un país, en el que el Pepe Mujica fue llevado al gobierno por el FA, quiere decir que cualquier ser humano puede llegar a cargos de dirección arrancando como un militante común y silvestre”.

“Yo creo que ser militante es tratar de mejorar el mundo, de mejorar la sociedad. Terminar con la explotación del hombre por el hombre que para mí es una utopía pero la militancia mía está dirigida en ese sentido. Más tarde o más temprano alguien lo va poder hacer”.

“En la militancia vivís cosas que son muy fuertes emocionalmente y que te marcan. Lo que te gratifica es poder ser solidario con la gente. La militancia es un compromiso de vida, ser solidario con gente que capaz que ni conoces”.

No tocante ao significado que os militantes atribuem à sua participação no Comitê de Base e de sua importância na estrutura da FA, a confraternização e o companheirismo foram citados em algumas entrevistas. Os militantes apresentam como motivações as recompensas materiais e simbólicas da participação, de acordo com a afirmação de Gaxie vista anteriormente.

“Conversar con compañeros, convencer, acordar, intentar hacer lo que querés”.

“La confraternidad que hay en el comité, entiendo que estoy entre compañeros con los cuales puedo calentarme en algún momento por algo político, pero son calenturas de momento y que las podés hablar. No quiere decir que, por más que yo discrepe contigo en posiciones, tengamos que enfrentarnos ni nada por el estilo, y vamos a seguir trabajando juntos y tirando para adelante”.

Também foram citados o aspecto democrático dos Comitês e sua abertura à comunidade, assim como a particularidade da FA de ser uma coalizão de partidos e também um movimento, refletido no funcionamento dos Comitês.

“El comité de base es el lugar de todos, y aparte es el único lugar donde los que no están sectorizados, los que no integran ninguno de los pedacitos del frente pueden generar acción política”.

“Hay una cosa que pasa, y por eso tenemos tanta participación en las actividades, y es que es realmente abierto, o sea, no hay segregación de gente porque piense distinto”.

“El FA tiene un corazón, que es el movimiento, la militancia de base, son el corazón del FA y militan todos los días del año, no importa si estamos en campaña o no, todos los jueves se abre el comité de base. Los militantes de los partidos tradicionales se juntan para las elecciones y militan durante el periodo electoral, después no, y antes tampoco. Ahí radica la razón fundamental de porque el FA no es un partido político sino que es una fuerza viva y con corazón”.

“El comité me deja la satisfacción de seguir por los sueños y en función de eso hacemos un montón de cosas”.

“Creo que dentro de lo que puede ser una organización política, por lo menos no conozco ninguno similar a lo que es el FA, que tenga ese equilibrio, o sea, entre lo que es un partido político más tradicional y lo que es el movimiento de las bases”.

“Eso es lo que tiene el FA, uno puede criticar desde adentro y puedo tratar de cambiar las cosas desde adentro”.

De acordo com os trechos acima é possível afirmar que os *frenteampelistas* entrevistados relacionam suas escolhas políticas com influências familiares recebidas na infância, mas também em ambientes escolares e locais de trabalho. Dessa forma, “a forte integração social e a uma relação localista e *concreta* com o político” (SEIDL, 2009, p. 23) surgem como fatores de incentivo à militância.

CONCLUSÃO

O Uruguai é um país fortemente marcado pela presença dos partidos na vida política e social, considerados atores fundamentais da construção do estado nacional e

também de identidades coletivas. Nesse contexto é que nasce, em 1971, a Frente Ampla. Inicialmente formada pela Partido Socialista, Partido Comunista, Partido *Democrata-Cristiano* e por setores egressos dos partidos tradicionais, a FA torna-se, após a redemocratização em 1984, um dos atores principais da política uruguaia, conquistando a prefeitura da capital do país em 1989 e posteriormente o governo nacional em 2004.

Utilizando dados quantitativos das pesquisas realizadas pelo *World Values Survey* no Uruguai, é possível identificar diferenças importantes entre aqueles que dizem preferir a FA e aqueles que preferem os outros partidos. Em primeiro lugar, os *frenteampelistas* confiam mais nos partidos, veem a política como algo muito importante em sua vida e são mais ativos politicamente do que os que dizem preferir os demais partidos. O trabalho buscou explicar essas diferenças a partir da existência de um espaço de socialização criado pelo partido, como os Comitês de Base. Os partidos tradicionais do Uruguai, o Partido Colorado e o Partido Nacional, já contavam com seus *clubes políticos* desde princípios do século XX, com funções pedagógicas em seus inícios mas que terminou estimulando o clientelismo.

A compreensão acerca da forma pela qual ocorre o processo de socialização nos Comitês foi realizada através de uma pesquisa etnográfica, com observações diretas e entrevistas em profundidade. Nos dois comitês observados, Comitê Martin Fierro e Comitê 28 de *Noviembre*, as reuniões seguiam um padrão: comunicado da Coordenadora, discussão de assuntos do partido ou do comitê, discussões de assuntos da política nacional.

Nas discussões do Comitê Martin Fierro também eram discutidos os problemas do bairro, como insegurança ou o pedido de construção de um centro de atenção à infância, o ambiente era familiar e as reuniões organizadas, quem quisesse falar deveria levantar a mão e esperar o presidente passar a palavra. Ao final das reuniões formais havia uma reunião informal, com consumo de bebidas e comidas, em um ambiente de descontração e onde se debatiam diversos assuntos de forma menos organizada. No Comitê 28 de *Noviembre* a maioria das discussões eram sobre problemas internos tanto do comitê quanto da FA e as reuniões eram menos organizadas. O espaço ocupado nas reuniões por assuntos ligados à eventos como a “*peña*” no Martin Fierro ou o 25 de agosto, nos dois comitês, são um exemplo do quão valorizados são esses momentos de confraternização e socialização, que exercem a função de reforçar os laços de amizade entre os militantes e o pertencimento destes ao partido.

Os entrevistados tem uma interpretação positiva da militância, como algo necessário para a construção de uma sociedade melhor e que os faz sentirem-se úteis e parte de algo importante. De acordo com Ihl (2002) determinados eventos políticos podem ter forte impacto na socialização, o que de fato aparece nas entrevistas, como o plebiscito de 1980 ou a primeira vitória nacional em 2004, citados como fatores de socialização, levando alguns a militar pela primeira vez e outros a intensificar a militância.

Considerando as funções manifestas do Comitê as explicitadas no Estatuto pode-se afirmar, com base nas entrevistas, que a função latente do Comitê é propiciar um espaço de debate e de confraternização entre os militantes, como relatado em algumas falas. É possível, portanto, associar o alto grau de participação dos militantes, a importância que atribuem à política e a confiança nas instituições partidárias à existência de espaços de socialização, debate e confraternização. Dessa forma, os Comitês de Base são um espaço reconhecido como importante tanto para a democracia interna da Frente Ampla quanto para a socialização política de seus militantes.

A partir das teorias de socialização vistas neste trabalho que, em síntese, conceituam a socialização política como “processos de desenvolvimento através dos quais as pessoas adquirem orientações políticas e padrões de comportamento” (EASTON; DENNIS, 1969, apud SCHMIDT, 2000, p. 56), pode-se afirmar que a família e a escola são as duas instituições mais importantes para a socialização dos indivíduos. Na análise das entrevistas é nítida a influência da família e do ambiente escolar na socialização política, bem como do ambiente de trabalho. Eventos importantes da política uruguaia também foram citados, podendo ser considerados momentos de socialização e de maturação política, posto que influenciaram a decisão de militar em alguns casos e de aprofundar a militância em outros.

No entanto, os Comitês de Base não foram citados como agentes primários de socialização. A socialização política dos militantes entrevistados é anterior à sua participação no Comitê, ocorrendo majoritariamente na família e na escola, de acordo com a perspectiva da persistência (*persistence perspective*) de Wasburn e Covert (2017) segundo a qual o aprendizado ocorrido na fase pré-adulta muda pouco no decorrer da vida. Portanto, os Comitês funcionam, não como lugar inicial de socialização, mas como espaços de reforço da socialização primária, estimulando e fortalecendo laços sociais com

outros militantes, impulsionando a formação política bem como o convívio e a confraternização entre pessoas que já eram *frenteamplistas*.

Visto que o trabalho foi realizado em apenas dois Comitês de Base da cidade de Montevideu e entrevistados dez militantes, pesquisas futuras poderão acrescentar novas informações sobre a socialização de militantes *frenteamplistas* a partir da ampliação do número de casos, como por exemplo a observação de Comitês no interior do país. Não foram considerados aspectos socioeconômicos dos *frenteamplistas*, como idade, nível de renda ou escolaridade, que podem acrescentar novas hipóteses à análise. O estudo comparativo entre militantes dos principais partidos uruguaios pode enriquecer o debate sobre militância e socialização, assim como um estudo comparativo entre militância em partidos de esquerda na América Latina.

Os Comitês de Base desempenham uma função de agregação e de confraternização, que diferencia os *frenteamplistas* dos militantes dos outros partidos uruguaios, e que serviram de alguma maneira, para ampliar seu eleitorado e manter o governo de Montevideu desde 1989 e o governo nacional desde 2004. Esses espaços de socialização e confraternização são importantes tanto para os militantes quanto para a democracia interna do partido, mas dificilmente teriam êxito se os partidos uruguaios não fossem atores relevantes na história política uruguia ou se não existissem antecedentes como os *clubes políticos* dos partidos tradicionais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, César. Cultura y Identidad: una aproximación sociológica. In: ACHUGAR, Hugo, et al. **Identidad Uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?** Montevideo: Ediciones Trilce, 1993.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The Civic Culture Revisited**. Newbury Park: Sage Publications, 1980.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **La Cultura Cívica: estudio sobre la participación política democrática en cinco naciones**. Madrid: Euramérica, 1970.

ALMOND, Gabriel. **Uma Teoria de Política Comparada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

AMARAL, Oswaldo. **O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura**. Porto Alegre: Revista Debates, v.7, n.2, p. 11-32, maio-ago. 2013.

AMARAL, Oswaldo. **As Transformações nas Formas de Militância no Interior do PT: maior inclusão e menor intensidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 28, nº 82, junho, 2013.

AUYERO, Javier; JOSEPH, Lauren. Introduction: Politics under the Ethnographic Microscope. In: JOSEPH, Lauren; MAHLER, Matthew; AUYERO, Javier. **New Perspectives in Political Ethnography**. New York: Springer, 2007.

BAQUERO, Marcello. **A Vulnerabilidade dos Partidos Políticos e a Crise da Democracia na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

BAQUERO, Marcello. **Qual Democracia para a América Latina? Capital social e empoderamento são a resposta?** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

BAQUERO, Marcello. **Democracia Inercial**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2018.

BAQUERO, Marcello (org.). **Cultura Política e Democracia: os desafios das sociedades contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

BAQUERO, Marcello. CASTRO, Henrique de. RANINCHESKI, Sônia. **(Des)confiança nas instituições e partidos políticos na constituição de uma democracia inercial no Brasil: o caso das eleições de 2014**. Florianópolis: Política & Sociedade, vol. 15, nº 32 - Jan. /Abr. de 2016.

BARTOLINI, Stefano. Metodología de la Investigación Científica. In: BARTOLINI, et al. **Manual de Ciencia Política**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

BAYLEY, Miguel Aguirre. **Frente Amplio: La Admirable Alarma de 1971**. Montevideo: Ediciones Cauce, 2005.

BEISSO, Rosario. CASTAGNOLA, Jose Luis. Identidades Sociales y Cultura Política en Uruguay: Discusión de una hipótesis. In: **Cuadernos del CLAEH**, 44, 2º serie, año 12 – 1987-4, Montevideo.

BENTANCUR, Nicolás. BUSQUETS, José Miguel. **El Decenio Progresista: Las políticas públicas de Vázquez a Mujica**. Montevideo: Fin de Siglo Editorial, 2016.

BONINO, Luis Costa. **Crisis de los Partidos Tradicionales y Movimiento Revolucionario en el Uruguay**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1988.

BOUTIER, Jean. BOUTRY, Philippe. **Les Sociétés Politiques en France de 1789 à l'an III**. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, tome 36, n° 1, pp. 29-69, jan/mar, 1989. Disponible en https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1989_num_36_1_1480

BROQUETAS, Magdalena. Liberalización Económica, Dictadura y Resistencia: 1965-1985. In: FREGA, Ana, et al. **Historia del Uruguay en el Siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

CAETANO, Gerardo (org.). **La Fundación del Frente Amplio y las Elecciones de 1971**. Montevideo: Ediciones Santillana, 2005.

CAETANO, Gerardo. **La República Batllista**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José; PÉREZ, Romeo. Cambios Recientes y Desafíos en el Sistema Político Uruguayo Concebido como una Partidocracia. In: CAETANO, et al., **Partidos y Electores**. Montevideo: CLAEH, Ediciones de la Banda Oriental, 1992.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José; PÉREZ, Romeo. La Partidocracia Uruguaya: historia y teoría de la centralidad de los partidos políticos. In: **Cuadernos del CLAEH**, 44, 2° serie, año 12 – 1987-4, Montevideo.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José. **Breve Historia de la Dictadura**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991.

CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de. **Cultura Política Comparada: democracia e mudanças econômicas: Brasil, Argentina e Chile**. Brasília: Verbena, 2014.

CORBO, Daniel. **La Transición de la Dictadura a la Democracia en el Uruguay. Perspectiva sobre los modelos de salida política en el Cono Sur de América Latina**. Montevideo: Humanidades. *Revista de la Universidad de Montevideo*, n° 1, año 7, p. 23-47, 2007.

COURIEL, Alberto. **El Uruguay Empobrecido**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1988.

CROISAT, Maurice; DERVILLE, Jacques. **La Socialisation des Militants communistes Français**. *Revue Française de Science Politique*, 29° année, n° 4-5, pp. 760-790, 1979. Disponible en: https://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1979_num_29_4_418647

DEPARTAMENTO DE HISTORIA DEL URUGUAY. La Crisis de la Democracia Neoliberal y la Opción por la Izquierda: 1985-2005. In: FREGA, Ana, et al. **Historia del Uruguay en el Siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

D'ELÍA, Germán. **El Uruguay Neo-Batllista: 1946-1958**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1982.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

ERRANDONEA, Alfredo. **El Sistema Político Uruguayo**. Montevideo: Ediciones La Republica, 1994.

FRENTE AMPLIO. **Estatuto del Frente Amplio**, Montevideo, 2011.

ETHUIN, Nathalie. **Formation des Militants et Identité Communiste**. Nouvelles Foundations, n° 2, pp. 49-57, 2006. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-nouvelles-fondations-2006-2-page-49.htm>

FERNANDEZ, Nelson; MACHÍN, Hugo. **Una Democracia Única**. Montevideo: Fin de Siglo, 2017.

FRANZ, Walter. **Aderentes e Militantes: a Participação Político-Partidária na Era do Partido Cartel**. Revista de Sociologia e Política, v. 24, n. 60, p. 91-113, dez. 2016.

FREGA, Ana. La Formulación de un Modelo: 1890-1918. In: FREGA, Ana; et al. **Historia del Uruguay en el Siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

GARCE, Adolfo; YAFFÉ, Jaime. **La Era Progresista: hacia un nuevo modelo de desarrollo**. Montevideo: Fin de Siglo Editorial, 2014.

GAXIE, Daniel. **Économie des Partis et Rétributions du Militantisme**. Revue Française de Science Politique, 27° année, n° 1, pp. 123-154, 1977. Disponível em https://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1977_num_27_1_393715

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GILLESPIE, Charles. A Transição do regime militar-tecnocrático colegiado do Uruguai. In: O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe; WHITEHEAD, Laurence. (orgs.) **Transições do Regime Autoritário: América Latina**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

GRAMPONE, Antonio. **La Ideología de Batlle**. Montevideo: Librosur, 1984.

HARNECKER, Marta. **Frente Amplio: Los desafíos de una izquierda legal**. Montevideo: Editorial La República, 1991.

IHL, Olivier. **Socialisation et Événements Politiques**. Revue française de Science politique, 52° année, n°2-3, 2002. pp. 125-144. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_2002_num_52_2_403704

KEY, V.O. **Politics, Parties and Pressure Groups**. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1959.

KIRCHHEIMER, Otto. **A Transformação dos Sistemas Partidários da Europa Ocidental**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Ciência Política, n° 7, pp. 348-385, janeiro-abril de 2012.

- KRIEGEL, Annie. **Les Communistes Français: Essai d'ethnographie politique**. Paris: Editions du Seuil, 1968.
- KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LA PALOMBARA, Joseph. WEINER, Myron. **The Origin and Development of Political Parties**. New Jersey: Princeton, 1966.
- LAPLANTINE, François. **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LECHNER, Norbert. Os Novos Perfis da Política – um esboço. In: BAQUERO, Marcello (org.). **Cultura Política e Democracia: os desafios das sociedades contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.
- LÊNIN, V.I. **Que Fazer?** São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- LÊNIN, V.I. **Propaganda e Agitação**. Moscou: Edições Progresso, 1984.
- MERTON, Robert K. **Sociologia: Teoria e Estrutura**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.
- NAHUM, Benjamín. **Manual de Historia del Uruguay**. Tomo I: 1830-1903. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2003.
- NAHUM, Benjamín. **Manual de Historia del Uruguay**. Tomo II: 1903-2000. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.
- NAHUM, Benjamín. **Breve Historia del Uruguay Independiente**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.
- NOYA, Nelson; LAENS, Silvia; CASARES, Luis; TERRA, Magdalena. Política Económica: 25 años de fracasos. In: Centro de Investigaciones Económicas. **La Crisis Uruguaya y el Problema Nacional**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.
- PANIZZA, Francisco. **Uruguay: Batllismo y Después**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990.
- PLATONE, François; SUBILEAU, Françoise. **Les Militants Communistes à Paris**. Revue Française de Science Politique, 25^o année, n^o5, pp. 837-869, 1975. Disponível em https://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1975_num_25_5_393633
- PORTILLO, Alvaro. **Uruguay Más Alla del Capitalismo**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2012.
- PUDAL, Bernard. **Los Enfoques Teóricos y Metodológicos de la Militância**. Revista de Sociologia, n^o 25, pp. 17-35, 2011.
- RABUFETTI, Mauricio. **José Mujica: La revolución tranquila**. Montevideo: Editorial Sudamericana, 2014.
- RAMA, German. **El Club Político**. Montevideo: Arca Editorial, 1971.
- REIS, Eliana Tavares dos. **Contestação, Engajamento e Militantismo: da “luta contra a ditadura” à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande**

do Sul. 2007. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RENNÓ, Lúcio. **Teoria da Cultura Política: vícios e virtudes**. BIB, n. 45, pp. 71-92, 1º semestre de 1998.

RIAL, Juan. **Elecciones, Referéndum y Plebiscitos. Cambio en el Escenario Político Uruguayo 1992-1996**. Disponível em: biblio.juridicas.unam.mx/libros/4/1990/28.pdf. Acesso em 14/03/2018.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e Sistemas Partidários**. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. **Inventário da Sociologia do Engajamento Militante: Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses**. Porto Alegre: Sociologias, ano 13, nº 28, pp. 200-255, set/dez 2011.

SCHMIDT, João Pedro. **Juventude e Política nos anos 1990: um estudo de socialização política no Brasil**. 2000. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SEIDL, Ernesto. **Disposições a Militar e Lógica de Investimentos Militante**. Campinas, Pro-Posições, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio/ago. 2009.

SELIOS, Lucía. **Los Últimos Diez Años de la Cultura Política Uruguaya: entre la participación y el desencanto**. Ediciones Universidad de Salamanca. América Latina Hoy, 44, p. 63-85, 2006.

TRINDADE, Hélió. **Construção da Cidadania e Representação Política: lógica liberal e práxis autoritária**. In: BAQUERO, Marcello (org.). **Cultura Política e Democracia: os desafios das sociedades contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

WASBURN, Philo, COVERT, Tawnya. **Making Citizens: political socialization research and beyond**. Palgrave Macmillan, 2017.

YAFFÉ, Jaime. **Al Centro y Adentro: La renovación de la izquierda y el triunfo del Frente Amplio en Uruguay**. Montevideo: Linardi y Risso, 2005.